

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
PSICOLOGIA DO COMPORTAMENTO DESVIANTE E DA JUSTIÇA

# Estudo de caso único sobre a possível influência da trajetória desviante dos pais no comportamento desviante de uma jovem adolescente

Rute Inês Marques Lima

# M

2021



**Estudo de caso único sobre a possível influência da trajetória desviante dos pais no comportamento desviante de uma jovem adolescente**

**Rute Inês Marques Lima**

Outubro 2021

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pela Professora Doutora Inês Nascimento (FPCEUP).

## **AVISOS LEGAIS**

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à minha orientadora, a Professora Inês Nascimento, que aceitou este desafio, de braços abertos, mesmo não sendo um tema com o qual tem por hábito trabalhar. Agradecer ainda por nunca ter desistido de mim e do tema, mesmo quando tudo parecia dar errado ao ponto de quase ficarmos sem estudo, e por sempre me incentivar e encorajar a continuar face a todas as adversidades. Sou grata pela sua compreensão e apoio durante toda esta viagem.

Ao Doutor Eduardo Garrido, por ter disponibilizado do seu tempo para me auxiliar a navegar o Biograma, e por todos os ensinamentos que me deu ao longo de um período de estágio intenso e enriquecedor.

Não posso deixar de agradecer à Dinah e Oliver, pela colaboração e disponibilidade constante. Devo agradecer, também, à Artemis e Paula, que confiaram em mim as suas histórias, pensamentos e sentimentos, sem os quais este estudo não seria possível.

À minha família que sempre me incentivou e apoiou ao longo de todo este percurso. À minha mãe, por ter estado sempre do meu lado, pelo seu abraço e colo em momentos de frustração, pela sua palavra encorajadora em momentos de exaustão e pela sua disponibilidade de sempre fazer o melhor para mim. Ao meu pai que, mesmo estando distante, sempre me apoiou e se mostrou interessado. À minha irmã, pelas boleias constantes, visitas inesperadas e entregas de comida ao domicílio.

À Beatriz, por acreditar em mim, principalmente, quando eu não acreditava, por ativar o modo sargenta para me incentivar alcançar o meu melhor e por me ter ensinado e feito crescer imenso ao longo destes anos.

Aos meus amigos, à Sara por estar comigo "*Till the end of the line*" e tudo o que essa frase implica; à Diana por estar comigo desde o início e nunca me ter largado a mão; à Sara F. por me compreender e saber sempre o que dizer; ao Castanheira por ser o meu eterno companheiro; ao David por me desafiar constantemente; ao Zé pelo carinho e preocupação genuína; à Ana pela parceria em tempos incertos; à Cristiana pela partilha de serotonina; ao Tony por me fazer sentir acarinhada; ao Esteves por estar sempre à distância de uma chamada; à Lili pelos longos desabafos e apoio incondicional. À Mariana, à Freitas, à Chica e à Elisa, por verem

algo em mim e pelas amizades que construímos. A todos/as eles/as um obrigado por de uma maneira ou de outra me fazerem crescer e por crescerem comigo.

Agradeço também aos Dragões, com eles/as do lado experienciei coisas que nunca tinha pensado viver, aprendi coisas sobre mim e sobre o mundo e evolui no processo.

A todos/as os que fazem parte da mancha preta da FPCEUP, obrigada por, também, fazerem parte do meu crescimento.

Agradeço, assim, a todos e todas que durante os últimos cinco anos se cruzaram comigo e fizeram parte da minha vida, agradeço tudo o que tive oportunidade de vivenciar, pois foram as pessoas e as experiências que me ajudaram a ser quem sou hoje.

## RESUMO

A presente investigação propôs-se a explorar se e qual a influência que o comportamento/conduita desviante das figuras parentais poderá ter tido na génese da trajetória desviante da filha, no quadro mais amplo do apuramento do conjunto geral de fatores associados à iniciação e desenvolvimento das manifestações de desviância da jovem. O processo de transmissão intergeracional da criminalidade foi tomado como o principal ponto de referência teórico-concetual para o estudo, no pressuposto da existência das mesmas características e comportamentos de pais em filhos/as e, por conseguinte, de continuidade intergeracional (e.g., Lochner, 2008). Foi adotada uma metodologia de investigação qualitativa tendo-se privilegiado a realização de um estudo de caso único que incidiu na exploração e análise em profundidade da história/acontecimentos recentes de vida e trajetória desviante de uma jovem portuguesa de 16 anos a residir numa Casa de Acolhimento. Participaram no estudo a jovem, a mãe e a Técnica gestora do caso e a Psicóloga da Casa de Acolhimento colaborando na recolha de dados através de entrevistas semiestruturadas. Junto da jovem recorreu-se à utilização do instrumento autobiográfico Biograma por forma a aceder à organização narrativa da vida da participante (e.g., Garrido, 2012; Manita, 2001). A análise de dados privilegiou uma estratégia analítica de sistematização e mapeamento gráfico dos fatores e acontecimentos que emergiram do material recolhido como os mais salientes na trajetória da jovem. Foi construído um diagrama através do qual se procurou representar, de um modo holístico e compreensivo, a teia e/ou constelação de dimensões que foi possível identificar como (des)estruturantes da experiência pessoal passada e futura da jovem. Com base nos resultados, conclui-se que o caso estudado constitui um bom exemplo da ação de alguns dos mecanismos de reprodução intrafamiliar da criminalidade descritos por Farrington (2011), tais como a exposição intergeracional a múltiplos fatores de risco, a mediação através de fatores de risco ambientais e a influência mútua e direta dos elementos da família. Foram encontradas evidências que apontam para o papel, direto e indireto, que o padrão de disfuncionalidade familiar em conjunção com a precariedade económica, moral, emocional e educativa do ambiente em que ocorreu o desenvolvimento psicossocial da jovem, terão assumido na deterioração da sua conduta em direção a expressões delinquentes.

**Palavras-chave:** comportamento desviante; transmissão intergeracional da desviância; delinquência juvenil feminina.

## ABSTRACT

The present investigation aimed to explore whether there was an influence, and if so, the influence that the deviant behaviour/conduct of parental figures may have had in the genesis of a daughter's deviant trajectory, within the broader framework of the general set of factors associated with the initiation and development of the young woman's deviance. The process of intergenerational transmission of crime was used as the main theoretical-conceptual point of reference for this study, on the assumption of the existence of the same characteristics and behaviours of parents in children and, therefore, of intergenerational continuity (e.g., Lochner, 2008). A qualitative research methodology was adopted, using a single case study which focused on the in-depth exploration and analysis of the past and recent life events, as well as the deviant trajectory, of a 16-year-old Portuguese girl residing in a halfway house. The young woman alongside her mother, her caseworker, and psychologist at the halfway house participated in the study, collaborating in the data collection through semi-structured interviews. The Biogram, an autobiographical instrument was used with the girl in order to access the narrative of the participant's life (e.g., Garrido, 2012; Manita, 2001). The data analysis favoured an analytical strategy of systematization and graphical mapping of the factors and events that emerged from the collected material as the most prominent in the young woman's trajectory. A diagram was then constructed through which a holistic and comprehensive representation of the web and/or constellation of dimensions identified as (de)structuring of the past and future personal experience of the girl. Based on the results, it is concluded that this case study is a good example of the mechanisms of intra-family reproduction of crime described by Farrington (2011) such as intergenerational exposure to multiple risk factors, mediation through environmental risk factors, and the mutual and direct influence of family members. Evidence was found that points to the, direct and indirect, role that the pattern of family dysfunction in conjunction with the economic, moral, emotional, and educational precariousness of the environment, in which the young woman's psychosocial development occurred, have played in the deterioration of her conduct towards delinquent expressions.

**Keywords:** deviant behaviour; intergenerational transmission of deviance; female juvenile delinquency.

## RÉSUMÉ

La présente recherche vise à explorer si et quelle influence le comportement/conduite déviant des figures parentales a pu avoir dans la genèse de la trajectoire déviante de leur fille, dans le cadre plus large de l'investigation de l'ensemble général des facteurs associés à l'initiation et au développement des manifestations de déviance de la jeune. Le processus de transmission intergénérationnelle de la criminalité a été considéré comme le principal point de référence théorique et conceptuel de l'étude, en supposant l'existence des mêmes caractéristiques et comportements des parents et des enfants et, par conséquent, d'une continuité intergénérationnelle (e.g., Liefbroer, 2005). Une méthodologie de recherche qualitative a été adoptée, en se concentrant sur une seule étude de cas qui s'est concentrée sur l'exploration et l'analyse approfondie de l'histoire/des événements de vie récents et de la trajectoire déviante d'une jeune fille portugaise de 16 ans vivant dans un refuge. A participé à l'étude la jeune fille, la mère, le responsable technique du cas et le psychologue du refuge, collaborant à la collecte de données à travers des entretiens semi-directifs. Chez la jeune fille, l'instrument autobiographique Biogram a été utilisé pour accéder à l'organisation narrative de la vie de la participante (e.g., Garrido, 2012; Manita, 2001). L'analyse des données a favorisé une stratégie analytique de systématisation et de cartographie graphique des facteurs et événements qui ont émergé du matériel collecté comme les plus saillants de la trajectoire de la jeune fille. Un schéma a été construit à travers lequel une tentative a été faite pour représenter, de manière holistique et compréhensive, la toile et/ou la constellation de dimensions qu'il a été possible d'identifier comme (dé)structurant l'expérience personnelle passée et future de la jeune fille. Sur la base des résultats, il est possible de conclure que le cas étudié est un bon exemple de l'action de certains des mécanismes de reproduction intrafamiliale du crime décrits par Farrington (2011), tels que l'exposition intergénérationnelle à de multiples facteurs de risque, la médiation par les facteurs de risque environnemental et l'influence mutuelle et directe des membres de la famille. Des preuves ont été trouvées indiquant le rôle, direct et indirect, que le modèle de dysfonctionnement familial en conjonction avec la précarité économique, morale, émotionnelle et éducative de l'environnement dans lequel le développement psychosocial de la jeune a eu lieu, assument la détérioration de son comportement envers les expressions délinquantes.

**Mots clés:** Comportement déviant; transmission intergénérationnelle de la déviance; délinquance juvénile féminine.

## Índice

Introdução.....	1
Enquadramento do objeto de estudo .....	4
1.1.    Delinquência Juvenil .....	4
1.1.1.    Delinquência Juvenil Feminina .....	6
1.2.    Influência da família.....	8
1.2.1.    Transmissão intergeracional da criminalidade .....	9
Método .....	15
2.1.    Objetivos e questões de investigação .....	15
2.2.    Desenho do estudo.....	16
2.2.1.    Metodologia.....	16
2.2.2.    Considerações éticas.....	17
2.3.    Participantes .....	19
2.4.    Processo de identificação e de envolvimento dos/as participantes.....	20
2.5.    Técnicas e instrumentos .....	21
2.6.    Procedimentos de recolha de dados.....	23
2.7.    Procedimento de análise de dados.....	25
Resultados e Discussão .....	28
Considerações finais.....	41
Referencias bibliográficas .....	49
Anexos.....	58

## **Índice das figuras:**

FIGURA 1. FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE RECOLHA DE DADOS: ATIVIDADES PLANEADAS VS REALIZADAS.....	23
FIGURA 2. DIAGRAMA ILUSTRATIVO DAS DIMENSÕES E CONSTELAÇÕES SALIENTES DO ESTUDO DE CASO .....	27

## **Índice dos anexos:**

ANEXO 1. ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA PARA RECOLHA DE DADOS AUTOBIOGRÁFICOS DO BIOGRAMA.....	59
ANEXO 2. ENTREVISTA MÃE.....	83
ANEXO 3. ENTREVISTA TÉCNICA E PSICÓLOGA.....	86
ANEXO 4. GRELHA GRÁFICA DO BIOGRAMA.....	89
ANEXO 5. CONSENTIMENTO INFORMADO JOVEM .....	90
ANEXO 6. CONSENTIMENTO INFORMADO MÃE .....	92
ANEXO 7. CONSENTIMENTO INFORMADO TÉCNICA E PSICÓLOGA .....	94

## Introdução

A delinquência juvenil não é um problema de agora. No entanto, a sua representação no feminino é um fenómeno que tem vindo a ser ignorado, banalizado e relegado para segundo plano (e.g., Duarte, 2012; Chesney-Lind & Shelden 2014), sendo a teorização sobre o envolvimento criminal das mulheres/raparigas realizada de forma estereotipada e sexista (e.g., Burman et al., 2001). Apesar deste paradigma de invisibilidade ter sofrido alterações a partir da década de noventa, segundo alguns investigadores, a pesquisa realizada sobre as idiossincrasias dos percursos desviantes das raparigas é ainda insuficiente (e.g., Duarte, 2015).

Em Portugal, embora a percentagem da delinquência juvenil tenha vindo a apresentar, desde 2015, uma tendência de decréscimo, tal tendência foi contrariada com um aumento de 5,8% em 2019 (Sistema de Segurança Interna, 2020). No ano de 2018, à data de 31 de dezembro, estavam registados 1.406 jovens com medidas no âmbito tutelar educativo em execução, sendo que 250 desses jovens eram do género feminino. No ano seguinte, à mesma data, o número total de jovens aumentou para 1.416, com 253 jovens do género feminino (Sistema de Segurança Interna, 2020). Apesar dos jovens sinalizados serem predominantemente rapazes, a presença do fenómeno de delinquência juvenil feminina na sociedade é inegável, revelando-se, assim, pertinente o desenvolvimento de estudos que possam contribuir para a caracterização específica desta população delinvente.

Os/as envolvidos/as no fenómeno da delinquência juvenil apresentam determinadas características, vidas familiares e sociais, bem como contextos culturais específicos, que detêm uma determinada influência sobre o/a jovem e seus comportamentos. Existe assim uma diversidade de fatores individuais, familiares e sociais que colocam o/a jovem em risco de adotar comportamentos desviantes (e.g., Pais, 2012). Uma vez que a família é responsável pelo processo de socialização da criança, torna-se igualmente responsável pelo seu desenvolvimento moral, positivo ou negativo, sendo que, uma ou outra situação, pode depender das condutas que os pais adotam perante os filhos/as (e.g., Moreira, 2013).

De facto, a existência de um histórico criminal familiar aparenta ser um fator relevante na compreensão das trajetórias de jovens com comportamentos delinquentes (e.g., Cunha et al., 2015). Parece verificar-se, assim, um processo de transmissão de comportamentos entre

gerações, isto é, as vivências, decisões e eventos significativos de uma geração afetam a seguinte – processo denominado de transmissão intergeracional (e.g., Thornberry, 2009).

De um modo geral, em Portugal, a temática da transmissão intergeracional tem vindo a ser estudada e abordada. No entanto, na área do comportamento desviante, os estudos são relativamente escassos e centram-se, primordialmente, na transmissão intergeracional da violência, analisando adultos de ambos os géneros (e.g., Oliveira, 2009; Oliveira & Sani, 2009). Por outro lado, a nível internacional, a temática tem recebido mais atenção da investigação e observa-se que tem vindo a ganhar maior destaque ao longo do tempo (e.g., Auty et al., 2017; Besemer, 2012; Farrington et al., 2017; Tzoumakis et al., 2012; Tzoumakis et al., 2019). Inicialmente, os estudos longitudinais focavam-se apenas em amostras masculinas, mas tem aumentado progressivamente a investigação do fenómeno em amostras femininas (e.g., Tzoumakis et al., 2019). Tem, inclusivamente, sido reunida evidência de que os mecanismos pelos quais mães e pais transmitem o comportamento criminal é distinto (e.g., Auty et al., 2017; Thornberry et al., 2003).

O provérbio americano *“The apple doesn’t fall far from the tree”*, além de ilustrar a crença da sociedade de que pais e filhos/as partilham semelhanças, que se podem refletir quer a nível físico quer a nível comportamental, como por exemplo o comportamento antissocial e criminal (Van de Weijer et al., 2017), demonstra ainda aquilo que se pretende explorar e compreender com a presente investigação.

Assim, a presente investigação propõe-se, através de um estudo de caso, a explorar se e qual é a influência das trajetórias desviantes das figuras parentais na génese da trajetória desviante da filha. O foco será colocado numa população tendencialmente mais ignorada pela investigação, abordando a questão da delinquência juvenil feminina à luz do construto da transmissão intergeracional, ainda que procurando atender à diversidade de influências contextuais, familiares e/ou extrafamiliares, que possam fazer parte da constelação de fatores associados à trajetória desviante do caso que será objeto de análise.

Estruturalmente este trabalho encontra-se organizado em quatro grandes secções, o enquadramento do objeto de estudo, na qual são exploradas, em termos teóricos e conceituais, as temáticas centrais do estudo, nomeadamente a delinquência juvenil feminina, a influência da família nos indivíduos e a transmissão intergeracional da criminalidade. A metodologia descreve as principais características da componente empírica do presente estudo: apresenta-se

as participantes, o processo de recrutamento e envolvimento dos/as participantes, as técnicas, os instrumentos, o processo de recolha de dados e análise de dados. A secção relativa à análise e discussão de resultados constitui a peça central desta dissertação já que é aí que se procura evidenciar os pontos essenciais que emergiram e foram extraídos de toda informação recolhida bem como as possíveis ligações entre os vários fatores identificados, com base no material obtido, como influentes no percurso da jovem. Por fim, nas conclusões procura sintetizar-se o essencial do que os resultados aportam como resposta às questões de investigação formuladas; são ainda referidas algumas das dificuldades encontradas ao longo da realização do estudo e iluminado o que poderá ser considerado as potencialidades do mesmo.

## **Enquadramento do objeto de estudo**

### **1.1. Delinquência Juvenil**

A delinquência juvenil é um fenómeno social complexo e multidimensional, cujo interesse científico assenta, primordialmente, no facto de resultar da interação social e de ocorrências que são fruto da vida social (e.g., Carvalho, 2017). Tendo por base uma realidade plurívoca da delinquência juvenil, as diferentes perspetivas parecem organizar-se em torno das dinâmicas sociais do ato, do ator e da audiência. Surgem, assim, definições legais e sociais do fenómeno (e.g., Duarte, 2011).

Sob a ótica jurídico-legal, a delinquência juvenil caracteriza-se pela prática de atos que violam as normas, valores e os quadros socioculturais e jurídicos de uma sociedade, executados por crianças e adolescentes, que por conta das suas idades, as leis penais não lhes são aplicáveis, pelo que beneficiam, assim, de legislação específica em detrimento do enquadramento associado ao código penal (e.g., Carvalho, 2017).

No quadro do Sistema de Justiça Juvenil, e em particular da Lei Tutelar Educativa, os processos relativos a prática de facto qualificado pela lei como crime, por um menor de idade (entre os 12 e os 16 anos), são classificados como processos tutelares educativos (n.º 3 do art.º 2.º). A Lei mencionada visa a aplicação “da medida que concretamente se mostre mais favorável ao interesse educativo do menor, tendo em conta a gravidade do facto e a necessidade de educação do menor para o direito manifestada na prática do facto e subsistente no momento da decisão” (n.º 7 do art.º 2.º). No que diz respeito a jovens com idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, estes são enquadrados na faixa dos jovens dos 16 aos 21 anos, sendo já responsáveis pelos seus atos. Em relação a este grupo etário, o Decreto-Lei n.º 401/82 afirma que o direito penal deve aproximar-se o máximo possível dos princípios do direito reeducador de menores. No entanto, em casos em que tal se revele necessário, deverá ser aplicada pena de prisão.

No sentido psicológico, a delinquência juvenil ultrapassa a mera ação oposta às normas e retrata uma condição subjetiva ao estado psicológico do sujeito que infringe a lei. A/o jovem delinquentes que interessa á Psicologia é aquele/a que é motivado/a a cometer um ato criminoso

por conta de um transtorno interno antissocial. Nesse sentido, é essa perturbação de que sofre que o impede de se adaptar às normas (e.g., Luzes, 2010).

Numa perspectiva psicossocial, a delinquência não é compreendida apenas no íntimo do indivíduo, devendo os fatores externos também ser tidos em conta, uma vez que este está inevitavelmente ligado ao meio (e.g., Luzes, 2010).

De um ponto de vista social, Duarte (2011) refere que a delinquência juvenil remete a um conjunto de comportamentos problemáticos que não se regem pelas condutas sociais convencionais, existindo diferentes padrões de comportamento delinvente e graus de envolvimento nesse comportamento. Esta definição abrange situações de pré-delinquência, como a inadaptação à disciplina da família, do trabalho e da escola e para-delinquência, nomeadamente a vadiagem, a mendicidade, a prostituição, a libertinagem e o consumo excessivo de álcool e drogas. Deste modo, a definição social da delinquência juvenil inclui todo o tipo de infração criminal que ocorre durante a infância e adolescência, sem se restringir ao limite etário imposto pela definição legal, mas também infrações, que apesar de não serem criminais, remetem para a realidade social a que o conceito de delinquência juvenil reporta.

A perspectiva social da delinquência remete, então, para outra terminologia, a desviância. Segundo Agra e Matos (1997), a desviância é definida pelas interações estabelecidas entre indivíduos, sociedades e os sistemas de normas que determinam o comportamento humano. O comportamento desviante é um termo mais abrangente, que inclui comportamentos classificados como ilegais (e.g., utilização de armas, tráfico de estupefacientes, conduzir sem carta de condução), comportamentos que violam as normas sociais e são considerados inaceitáveis em determinadas idades (e.g., fumar tabaco, consumo de estupefacientes e de álcool), ou em contextos específicos como a escola (e.g., faltar às aulas, agressividade com os pares) ou família (e.g., desobediência, mentir) (e.g., Sampaio, 2011; Sanches & Gouveia-Pereira, 2010).

Confirma-se a polissemia do conceito de delinquência juvenil, sendo este um fenómeno que tem tanto de sociológico, como de jurídico e de psicológico. Perante a sua complexidade, uma definição do mesmo só terá sentido quando integrada num quadro normativo de determinada sociedade, analisada em termos das condições sociais, das circunstâncias, do estatuto e do papel dos atores envolvidos (e.g., Duarte, 2011).

Na presente investigação, privilegiar-se-ão as perspetivas social e psicossocial, uma vez que são as que, do ponto de vista metodológico, melhor permitem identificar e enquadrar a natureza do caso que será objeto de estudo. No presente estudo, opta-se, ainda, pelas expressões comportamento/trajetória desviante, visto ser mais abrangente e não estar tão diretamente vinculado com a perspetiva jurídico-legal da delinquência.

Importa, ainda assim, referir que apesar de não se assumir a perspetiva psicológica atrás descrita como orientadora do presente estudo – por se considerar redutora a associação da conduta delincente a traços psicopatológicos - o mesmo será realizado a partir de uma ótica psicológica. Ou seja, a Psicologia é uma ciência humana, que apesar de se focar no indivíduo, tem como imperativo da compreensão do sujeito psicológico, a identidade, os contextos, as interações, a história e as circunstâncias atuais de vida das pessoas. É este olhar, para o todo como para as partes, que aqui se pretende lançar sobre a problemática da delinquência juvenil.

### **1.1.1. Delinquência Juvenil Feminina**

Durante muito tempo, a delinquência juvenil foi tida como um fenómeno masculino, contribuindo para a invisibilidade feminina. Segundo Duarte e Cunha (2014), essa longa invisibilidade social da delinquência juvenil feminina resultou, não só de uma reduzida expressão estatística, mas também de uma ocultação do fenómeno induzida pelo destaque das modalidades de práticas delinquentes masculinas, consideradas mais expressivas e espetaculares. Até recentemente, acreditava-se que o ator masculino seria mais agressivo que o ator feminino, sendo assim, portanto, tida como a figura paradigmática da delinquência (e.g., Duarte, 2011). Já a figura feminina enquanto agressora é incompreendida pelo sistema de justiça criminal e pela sociedade, uma vez que está submersa em imagens e representações estereotipadas (e.g., Pinto, 2017). Estas imagens coadjuvam a criação de mitos, visto que não se baseiam em realidades psicológicas e sociais vividas por essas figuras femininas, sendo estas caracterizadas como vítimas passivas, sem capacidade de escolha ou predisposição para o desvio (e.g., Pinto, 2017). Sendo o fenómeno continuamente relegado para segundo plano, explica-se, dessa forma, a falta de atenção dada ao mesmo em Portugal como internacionalmente (e.g., Duarte, 2012).

Mais recentemente, tanto a literatura como os dados estatísticos, têm apontado para a crescente visibilidade dos comportamentos infracionais femininos, aumentando,

consequentemente, as investigações sobre a delinquência juvenil com raparigas (e.g., Duarte, 2011). Assumindo a existência de diferentes tipos de discursos e percursos transgressivos e sendo a delinquência juvenil feminina um fenómeno heterogéneo, a atenção destas investigações, direccionou-se, assim, para as idiosincrasias do fenómeno (e.g., Bloom & Covington, 2001; Duarte, 2011; Pinto, 2017).

Segundo Duarte (2011), apesar de a delinquência juvenil feminina ter uma menor representatividade estatística, os problemas do género feminino não deixam de ser profundos, refletindo questões sociais e fatores de risco particulares, que se interconectam como uma rede, sendo potencialmente a causa e o efeito uns dos outros. De um modo geral, ambos os géneros são afetados por fatores de risco, sejam estes a nível individual, familiar, escolar, da comunidade ou no grupo de pares (e.g., Small et al., 2005).

Especificamente no feminino, é possível identificar fatores que aumentam a probabilidade de se iniciarem trajetórias desviantes. Segundo Zahn et al. (2010), uma puberdade precoce aliada a conflitos familiares e uma comunidade caracterizada pela pobreza e desemprego, são fatores de risco exclusivos da delinquência juvenil feminina. O abuso sexual e físico, ao qual as raparigas estão mais expostas (e.g., Duarte, 2012), pode levar a jovem a fugir de casa, sendo essa uma situação que a coloca em risco de ter contacto com comportamentos delinquentes, como por exemplo o trabalho sexual, a vitimização na rua, a distribuição e o consumo de drogas e o envolvimento com pares delinquentes (e.g., Duarte & Cunha, 2014). O envolvimento em relacionamentos amorosos com rapazes mais velhos que apresentem comportamentos desviantes também aumenta a probabilidade de a rapariga apresentar comportamentos idênticos (e.g., Zahn et al., 2010). Também a doença mental, o abuso de substâncias, a gravidez na adolescência, o insucesso académico e os conflitos familiares aumentam a probabilidade de jovens raparigas adotarem comportamentos desviantes (e.g., Loper, 1999).

Hazlett-Knudsen (2012) realça a importância da interação entre os fatores de risco individuais e familiares. Por sua vez, Duarte (2012) afirma que o impacto da qualidade dos relacionamentos é superior nas raparigas. Verifica-se mesmo que a qualidade da relação com as figuras parentais é um fator crucial na prevenção da delinquência feminina: raparigas que apresentam relações mais fortes com a família (e.g., Zahn et al., 2010), particularmente o sentimento de respeito e de aceitação por parte das figuras parentais, estão à partida menos

propensas à delinquência (e.g., Loper, 1999). Deste modo, sobressai a importância da família nos percursos destas jovens.

## **1.2. Influência da família**

Segundo Carvalho (2017), a delinquência resulta de um processo de aprendizagem social, concretizado em interação, sendo que é no seio familiar que o indivíduo se desenvolve a todos os níveis. Torna-se, assim, relevante a influência da família no possível desenvolvimento de comportamentos antissociais e criminosos (e.g., Fernandes, 2012). A família é o primeiro agente socializador, sendo aquele que melhor transmite as normas, ensina a diferenciar o comportamento aceitável do inaceitável e a respeitar os direitos dos outros, sendo que, no entanto, também pode ser responsável por ensinar agressividade, comportamentos desviantes, entre outros (e.g., Carrilho, 2000).

A nível sociopsicológico, a família surge como um contexto que parece destacar-se na compreensão da génese da delinquência juvenil. Moitra e Mukherjee (2012) asseveram ser notável o papel das figuras parentais em moldar o comportamento delinvente dos adolescentes. Afinal, é no núcleo familiar que o/a jovem procura referências nas quais se basear, para construir a sua identidade - os pais são, portanto, em princípio, os seus modelos de identificação primária (e.g., Dessen, 2010).

Deste modo, é na estrutura familiar que se encontram muitos dos fatores de risco para o comportamento delinvente. A literatura enuncia diversos preditores familiares de comportamentos desviantes, sendo possível dividir esses fatores de risco em duas categorias - os fatores de risco relacionados com a interação entre pais e filhos/as e aqueles que se relacionam, efetivamente, com o contexto familiar (e.g., Moreira, 2013). Designadamente, no que concerne à interação pais e filhos/as, assinalam-se como fatores a disciplina bastante punitiva, as fracas interações entre pais e filhos/as, a ausência de vínculos, a inversão de papéis, as fracas ambições em relação aos filhos/as (e.g., Magalhães, 2010), a privação de cuidados parentais adequados, a discordância no seio familiar, os maus-tratos na infância (e.g., Moreira, 2013), a violência (e.g., Wasserman et. al, 2003; Savignac, 2009) e o abuso físico (e.g., Moreira,

2013; Wasserman et. al, 2003). Relativamente ao contexto familiar, são apontados como fatores de risco a pobreza e instabilidade financeira (e.g., Costa, 2016; Savignac, 2009) a parentalidade precoce (e.g., Wasserman et. al, 2003), a destruturação familiar (e.g. encarceramento de uma figura parental, divórcio) (e.g., Moreira, 2013), o abuso de substâncias psicoativas por parte dos pais (Savignac, 2009), o histórico parental de comportamento antissocial e a criminalidade parental (e.g., Moreira, 2013; Wasserman et. al, 2003; Savignac, 2009).

Com efeito, a investigação revela que crianças cujos pais apresentam comportamentos desviantes têm maior probabilidade de apresentar esses mesmos comportamentos, constituindo-se, assim, a apresentação de comportamentos desviantes por parte das figuras parentais como o fator de risco familiar mais forte na previsão de delinquência juvenil (e.g., Thornberry, 2009; Farrington, 2011).

### **1.2.1. Transmissão intergeracional da criminalidade**

Tem vindo a ser demonstrado que experiências, eventos de vida marcantes, bem como decisões tomadas por membros de uma geração, podem afetar, significativamente, os membros da próxima. A noção de continuidade de um padrão de comportamento através das gerações, ou seja, a forma como membros de uma geração apresentam comportamentos semelhantes aos da geração anterior, ocorre através de um processo denominado transmissão intergeracional (e.g., Thornberry, 2009). Para Lochner (2008), este processo define-se pela transferência, dos pais para os filhos/as, de capacidades, características e comportamentos individuais.

Um exemplo estabelecido deste processo, é a transmissão intergeracional de comportamentos antissociais e criminosos (e.g., Farrington & Welsh, 2008; Thornberry et al., 2003; Tzoumakis et al., 2019). Denote-se que basta que uma das figuras parentais tenha historial de comportamento antissocial ou ato criminoso, para aumentar o risco do/a seu/sua descendente apresentar comportamentos semelhantes (e.g., Tzoumakis et al., 2019)

Farrington (2011) identificou seis mecanismos empiricamente interligados que, atuando de forma isolada ou em combinação, podem, eventualmente, explicar o processo de transmissão intergeracional: exposição intergeracional a múltiplos fatores de risco; mediação através de fatores de riscos ambientais; acasalamento preferencial; influência mútua e direta dos elementos da família; mecanismos genéticos e enviesamento por parte de instituições oficiais. Como se

verá de seguida, algumas das principais teorias sobre a transmissão intergeracional, salientam a ação de um ou mais destes mecanismos.

Assim sendo, de acordo com os mecanismos exposição intergeracional a múltiplos fatores de risco e mediação através de fatores de risco ambientais, a criminalidade é transmitida através da exposição a múltiplos fatores de risco (famílias desestruturadas; parentalidade na adolescência; abandono escolar; desemprego; viver em bairros desprovidos de condições) e esses mesmos fatores de risco podem servir como mediadores da transmissão intergeracional, criando um ciclo de transmissão da criminalidade. Os fatores de risco colocam a transmissão intergeracional da criminalidade num ciclo amplo de carências intergeracionais. Estes mecanismos sugerem que, pais criminosos expõem os/as filhos/as a fatores de risco, que aumentam o perigo dos/as filhos/as se tornarem também eles/as criminosos/as (Farrington, 2011).

Surge aqui um paralelismo com a teoria interacional de Thornberry (2005), que enuncia que a criminalidade pode começar em qualquer fase da vida da pessoa e que esse comportamento está interligado como os restantes domínios da vida. A extensão intergeracional desta teoria explica que as pessoas envolvidas em comportamento delinvente durante a adolescência, enfrentaram problemas na transição para a vida adulta, nomeadamente na parentalidade, que conseqüentemente irá ter impacto no desenvolvimento dos/as seus/suas filhos/as. O principal foco desta teoria é, portanto, que são os mecanismos mediadores a promover o comportamento criminal na geração seguinte. Ou seja, pessoas com comportamentos criminosos desde adolescência estão mais sujeitas a determinadas circunstâncias, como a parentalidade precoce, adversidade estrutural, mais stress, a manutenção dos comportamentos antissociais e o desenvolvimento de laços sociais fracos. Estas circunstâncias levam a dificuldades na parentalidade, como a falta de supervisão, a reduzida afetividade e a parentalidade irregular, constituindo-se estes aspetos como fatores de risco da delinquência juvenil. Em suma, o envolvimento das figuras parentais em comportamento criminal exerce um efeito negativo na forma como os indivíduos realizam a transição para a vida adulta e nos estilos parentais, o que, por sua vez, leva a uma parentalidade ineficaz e aumenta o risco dos/as filhos/as se envolverem em comportamento criminal (e.g., Thornberry, 2005).

Por sua vez, o terceiro mecanismo, o acasalamento preferencial, diz respeito ao facto de que indivíduos tendencialmente criminosos procuram parceiros amorosos igualmente

criminosos, ou seja, procuram parceiros que apresentam as mesmas características que eles/as, tendo filhos/as com esses mesmos parceiros, aumentando, conseqüentemente, a probabilidade de os/as filhos/as serem criminosos/as. (Farrington, 2011). Besemer (2012) argumenta que o acasalamento preferencial não representa um mecanismo, visto que este sozinho não explica a transmissão intergeracional, sendo necessários, na mesma, outros mecanismos (como a exposição intergeracional a múltiplos fatores de risco; a mediação através de fatores de risco ambientais; ação de mecanismos genéticos e influência mútua e direta dos elementos da família). Assim, o acasalamento preferencial, apenas propõe que a transmissão intergeracional é mais forte quando as duas figuras parentais apresentam comportamentos criminosos (Besemer, 2012).

O quarto mecanismo de Farrington (2011), a influência mútua e direta dos elementos da família, centra-se, como o nome refere, na influência que os membros de uma família têm uns nos outros. Relaciona-se, portanto, com a teoria da aprendizagem social de Bandura (1977), sugerindo que gerações mais novas aprendem e imitam o comportamento das gerações mais velhas. A teoria da aprendizagem social, enfatiza a importância da observação, da modelagem e da imitação de comportamentos, atitudes e reações emocionais de outros, é a interação de fatores cognitivos e ambientais que influenciam a aprendizagem e comportamento humano (Bandura, 1977). A teoria da associação diferencial de Edwin Sutherland, encontra-se, também, relacionada com este mecanismo, referindo nomeadamente que é através da convivência e da interação com indivíduos criminosos, que o jovem aprende os valores, atitudes, técnicas e motivos para o comportamento criminal (e.g., O'Connor, 2006 citado em Lower, 2014). Assim, uma figura parental que comete atos delinquentes, ensina essas mesmas formas de atuar, capacidades, normas e valores ao seu/sua filho/a (e.g., Van de Rakt, 2011).

Como quinto mecanismo, remetendo para a ação de mecanismos genéticos, e na linha das teorias biológicas, Farrington (2011) refere a influência de fatores genéticos na transmissão da criminalidade. De acordo com aquelas teorias, ocorre uma transmissão estática do comportamento criminal e as causas para a demonstração de tal comportamento estão enraizadas numa combinação específica de DNA. Assim, sendo os genótipos transferidos de uma geração para a outra, também é transmitida a tendência para apresentar comportamento antissocial, ou em contraste, comportamento social desejável (e.g., Van de Rakt, 2011).

Por fim, o sexto mecanismo sugere a existência de um enviesamento por parte de organismos governamentais, nomeadamente ligados à estrutura da justiça, que tendem a incidir

a atenção mais intensamente em famílias conhecidas por cometer crimes, facilitando o envolvimento e encarceramento das gerações mais novas (Farrington, 2011). Como se percebe, a forma como este mecanismo opera remete, de alguma forma, para a teoria da etiquetagem. Esta teoria sugere que o rótulo atribuído às pessoas pela sociedade que as rodeia, incluindo organismos governamentais, influencia o seu comportamento, tanto que pode ser determinante na continuidade e persistência desse comportamento, que até podia ser passageiro e experimental. Assim, a etiquetagem pode aumentar a associação criminal, já existente, do indivíduo, e influenciar as suas auto-percepções, atitudes e crenças, conformando-se com o estereótipo no qual é enquadrado, amplificando, assim, o seu comportamento criminoso. De igual forma, pode levar os indivíduos a atuarem de forma criminoso e a manter esse estilo de vida, uma vez que lhe foram bloqueadas quaisquer outras opções (e.g., Besemer et al., 2017).

O género do ascendente e do descendente é também um fator a ter em conta no estudo da transmissão intergeracional da criminalidade. Estudos multigeracionais sobre as continuidades do comportamento antissocial, revelam que o grau de continuidade no comportamento antissocial varia de acordo com o género da figura parental e do/a filho/a (e.g., Serbin & Karp 2004).

Apesar de, a este nível, a maioria dos estudos se focarem no género masculino, têm vindo a aumentar aqueles que se focam no feminino (e.g., Tzoumakis et al., 2019). Esta mudança deve-se a um maior entendimento de que os fatores etiológicos envolvidos na criminalidade feminina são diferentes dos que estão presentes na criminalidade masculina (e.g., Auty et al., 2017). Deste modo, importa compreender de que forma essas diferenças influenciam e tornam os seus percursos criminais distintos (e.g., Auty et al., 2017).

Com efeito, os estudos indicam que a criminalidade paterna é um fator de risco tanto para o género masculino como para o género feminino (e.g., Tzoumakis et al., 2019) e que a criminalidade paterna tem maior impacto do que a criminalidade materna (e.g., Farrington et al., 2001; Farrington et al., 2009;). Contudo, estes resultados não são consensuais, uma vez que Beaver (2013) demonstrou que o risco é semelhante tanto no caso das mães como no caso dos pais. Tais discrepâncias evidenciam a importância de compreender o impacto que a criminalidade de cada figura parental tem nos seus/suas filhos/as e, particularmente, se operam de forma diferente em diferentes períodos de desenvolvimento da vida do/a jovem (e.g., Tzoumakis et al., 2019).

Segundo Goodwin e Davis (2011), o papel do gênero está ainda longe de ser exhaustivamente explorado pela investigação, não sendo, por isso, clara a sua influência. Para Auty e colaboradores (2017) os estudos mais recentes sobre o impacto do gênero na transmissão intergeracional têm sido inconclusivos, sendo por isso necessário aprofundar esta temática.

Ainda assim, relativamente às mães, tem sido comprovada a existência de uma relação entre o comportamento antissocial das mesmas e a apresentação dos seguintes comportamentos por parte do/a filho/a: comportamento externalizante na infância (Thornberry et al., 2009); criminalidade violenta (Frisell et al., 2011); delinquência juvenil (Bijleveld & Wijkman, 2009). O estudo realizado por Goodwin e Davis (2011) encontrou que a probabilidade de uma jovem apresentar comportamentos delinquentes é maior quando o pai tem um histórico criminal e a mãe não, comparativamente ao panorama inverso. Os autores, evidenciaram, ainda, que a probabilidade de a jovem adotar comportamentos delinquentes é ainda maior quando existe um histórico criminal de ambas as figuras parentais.

Importa ressaltar que os investigadores que se debruçam sobre o tema da transmissão geracional adotam um de dois enfoques: o intrageracional ou o intergeracional. Segundo Van de Rakt et al. (2010), a investigação relativa à transmissão intrageracional foca as trajetórias de comportamento criminal ao longo da vida dos indivíduos. Por sua vez, Bijleveld e Farrington (2009), explicam que a transmissão intergeracional foca as semelhanças e diferenças das trajetórias criminais dos pais e filhos/as, ou seja, foca o comportamento dos pais no passado, uma vez que a continuidade intergeracional refere-se a comportamento semelhante na mesma fase desenvolvimental que a figura parental (e.g., Cairns et al., 1998 citado em Auty et al., 2017), a investigação intergeracional estuda as sequências causais envolvidas no desenvolvimento do comportamento criminal nas gerações seguintes, uma vez que isto pode gerar informação pertinente para a prevenção e intervenção nos/as jovens em risco de adotarem comportamentos delinquentes (e.g., Auty et al., 2017).

Na presente investigação, e tal como já foi mencionado, pretende compreender-se o papel que as trajetórias desviantes das figuras parentais poderão ter desempenhando no despoletar da trajetória desviante da respetiva filha. Deste modo, o historial de desviância dos pais é importante e, não obstante não se ter adotado uma abordagem longitudinal que permitisse apurar relações de causalidade, considera-se que não será abusivo afirmar que a análise se fará no plano da transmissão intergeracional uma vez que se pressupõe que a exposição à desviância parental seja um dos fatores da raiz familiar da delinquência da jovem.

O conceito de transmissão intergeracional significa, portanto, que determinados comportamentos e/ou características são iguais ou semelhantes tanto em pais/mães como em filhos/as, ou seja, existe um processo de transmissão dos mesmos de geração em geração. Transferindo este conceito para a área da criminologia, surge o processo de transmissão intergeracional da criminalidade, que pretende explicar as semelhanças nas trajetórias desviantes das figuras parentais e respectivos/as descendentes. Com a presente investigação, almeja-se perceber se e como é que o processo de transmissão intergeracional da criminalidade acontece, através da compreensão da influência que os comportamentos desviantes das figuras parentais têm, possivelmente, na trajetória desviante da filha.

## Método

### 2.1. Objetivos e questões de investigação

O presente estudo pretende responder a uma questão central: Qual a influência da trajetória e conduta desviante das figuras parentais na génese da trajetória desviante da filha?

Procura-se, por isso, compreender em que medida face a outros fatores, a trajetória desviante de, pelo menos, uma das figuras parentais, teve algum tipo de influência na trajetória desviante da respetiva filha. Atendendo à complexidade e multidimensionalidade do fenómeno, serão exploradas, paralelamente, outras dimensões da trajetória desviante desta jovem, averiguando a perspetiva, experiência e sentimentos da mesma acerca do seu próprio histórico pessoal.

Partindo deste objetivo, foram formuladas as seguintes questões de investigação exploratórias:

- Qual a perceção da jovem quanto aos fatores concorrentes para o seu envolvimento em práticas desviantes?
- Quais as explicações e atribuições que as figuras parentais apresentam em relação à iniciação desviante da filha?
  - Até que ponto reconhecem a sua própria influência na trajetória desviante da filha?
  - Em que medida é que o discurso das figuras parentais está em consonância com o comportamento parental ao qual se tem acesso através das fontes de informação privilegiadas?
- Que outras figuras e/ou fatores, individuais, ligados à família e/ou a outros contextos e acontecimentos de vida, podem ter contribuído para a iniciação e/ou prosseguimento dessa trajetória desviante?
- Que figuras e/ou fatores, individuais, ligados à família e/ou a outros contextos e acontecimentos de vida, parecem apresentar-se, atualmente, como relevantes na maximização da probabilidade de sucesso da reabilitação psicossocial da jovem?

## **2.2. Desenho do estudo**

### **2.2.1. Metodologia**

Como é evidenciado pela revisão bibliográfica, o fenómeno da delinquência juvenil tem na sua génese uma enorme variabilidade de fatores, de experiências e de condições de vida que são vivenciadas de forma diferente por cada jovem. Ao analisar este fenómeno no feminino, e com o intuito de apreender a heterogeneidade dos percursos das jovens na delinquência, mostrou-se, ademais, importante encarar as raparigas como sujeitos ativos na construção das suas próprias vidas e histórias.

Tendo em conta que a abordagem qualitativa permite apreender a complexidade, a desordem e a contradição que caracteriza o mundo (Clarke & Braun, 2013), procurando compreender a experiência humana subjetiva, bem como os significados que cada um atribui aos eventos nas suas vidas (Gilgun, 2005), considerou-se que esta seria a abordagem mais adequada para a exploração empírica do fenómeno em foco.

Considerando que se pretende estudar uma dimensão bastante específica da delinquência juvenil feminina – a transmissão intergeracional - que não tem sido amplamente investigada, optou-se pelo método de estudo de caso. O método de estudo de caso visa a análise detalhada de um ambiente, de um indivíduo específico ou de uma situação em particular (Godoy, 1995). Segundo Yin (2001), permite uma investigação que preserva as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Sobressaindo quando se pretende responder às questões “como?” e “porquê?” certos fenómenos ocorrem (Godoy, 1995) e quando se pretende valorizar a informação provinda de várias fontes, enquanto se foca e se dá uma voz à principal personagem desta história, a jovem.

Nesta investigação, o método de estudo de caso é único e intrínseco (Amado, 2013), e permitirá explorar em profundidade as dinâmicas que, no contexto de uma dada família, descrevem o processo de transmissão intergeracional da conduta desviante de pais para filha, bem como a diversidade de antecedentes e precipitantes que dele tenham sido contemporâneos ou sucedâneos.

### **2.2.2. Considerações éticas**

De acordo com Pearson et. al. (2015), os participantes de qualquer investigação devem ser tratados, ao longo da mesma, com respeito, dignidade e cuidado, devendo os seus direitos ser garantidos e protegidos. Desta forma, no presente estudo foram tidos os seguintes cuidados éticos:

1. Uma vez que a jovem é a figura principal desta investigação e que a vida dela é que se constituía como objeto central de exploração no estudo, considerou-se que, no respeito pela sua dignidade, deveria ser obtido o seu acordo em relação ao contacto com as restantes participantes (ou possíveis participantes) antes de se efetivar a comunicação e convite de colaboração aos/às mesmos/as.
2. Logo no primeiro contacto, as participantes foram informadas do propósito da investigação, dos possíveis malefícios e benefícios que poderiam advir da sua participação na mesma e da duração prevista da recolha de dados. Só se procedeu com a marcação das entrevistas depois das participantes, cientes do que envolvia a sua participação, terem expressado o seu consentimento livre e informado. A calendarização das entrevistas teve em conta, primariamente, a sua conveniência e disponibilidade.
3. Houve o cuidado de garantir a confidencialidade e anonimato às participantes, bem como aqueles/as que não participaram, mas são referenciados/as, tendo sido utilizados nomes de código na referência a cada um/a deles e não sendo mencionada qualquer informação que possa permitir e/ou facilitar a sua identificação. O tratamento de dados baseou-se nas disposições do Regulamento Geral de Proteção de Dados (RGPD), que entrou em vigor em 25 de maio de 2018.
4. Foi enfatizado junto das participantes que a sua participação era completamente voluntária, podendo desistir ou interromper as entrevistas a qualquer momento, não existindo nenhuma penalização caso surgisse essa decisão. A meio do processo de recolha de dados, isto é, no início do penúltimo momento de entrevista, a jovem optou por interromper a sua participação. Compreendendo que esta era uma decisão pessoal, em parte, justificada pelo desconforto experienciado na exploração do tema que esteve em foco na entrevista precedente, demonstrou-se aceitação, apoio e não se tentou persuadi-la a continuar de forma a preservar o seu bem-estar. Apenas foi obtido o seu consentimento para o prosseguimento do estudo com as restantes participantes e para a utilização da informação por ela já transmitida, algo com que a jovem concordou.

5. Uma vez que o estudo envolveu múltiplas fontes de informação, para evitar que a investigadora fosse influenciada pelos relatos e avaliações das profissionais e da mãe acerca do caso, os momentos de entrevista com a jovem, figura principal da investigação, tiveram prioridade no processo de recolha de dados. Como esperado, esta ausência de *a priori* favoreceu o clima de abertura, compreensão, respeito e confiança recíproca que pautou as interações com a jovem. Aliado a isto, a investigadora procurou ainda adotar uma postura empática, sem julgamentos, preconceitos ou expressão emocional, também na entrevista com a mãe da jovem e com as profissionais. Mais do que imperativos metodológicos, estes cuidados permitiram que, do ponto de vista ético, a recolha de dados pudesse ocorrer de forma isenta, íntegra e responsável.
6. Para prevenir danos, nomeadamente a (maior) deterioração das relações interpessoais em foco (filha-pai; filha-mãe) e permitir à jovem posicionar-se de forma completamente livre sobre os temas abordados, em momento algum a jovem foi confrontada diretamente com a hipótese de que o seu comportamento tenha sido influenciado pelo dos seus pais, não tendo existido, portanto, questões diretas ou insidiosas relativamente a esta temática. Ainda com o intuito de não deteriorar a relação mãe-jovem, bem como de não desestabilizar psicologicamente a figura materna, também não lhe foram dirigidas questões diretas sobre a temática que pudessem sugerir ou veicular a hipótese de ela ter tido uma responsabilidade direta na trajetória desviante da jovem.
7. Existindo o risco de as participantes se percecionarem como um meio para atingir um fim do qual não beneficiariam pessoal ou profissionalmente, pretendeu-se que a presente investigação possuísse utilidade para as mesmas<sup>1</sup>. Deste modo, planeia-se partilhar os resultados e conclusões com as profissionais participantes de modo que possam ser utilizados como um ponto de partida para opções de intervenção que possam beneficiar a jovem e o seu enquadramento familiar. A devolução dos resultados será feita através de reunião com a técnica gestora do processo da jovem e a psicóloga da Casa de Acolhimento. A possibilidade de a jovem estar presente numa parte desta reunião será ponderada em função (i) do seu estado psicológico (avaliado pelas profissionais que a acompanham); (ii) da sua própria vontade/interesse em saber mais

---

<sup>1</sup> Estava programada a construção conjunta com a jovem, através da utilização da grelha gráfica do Biograma, de um diagrama representativo da história de vida da jovem que pudesse constituir-se como um instrumento organizador da sua experiência subjetiva, suscetível de lhe permitir ganhar *insight* em relação a dimensões retrospectivas e prospetivas do seu processo de desenvolvimento pessoal e social. Dada a desistência da jovem, e a impossibilidade de completar a recolha de dados, a concretização deste plano não se mostrou possível.

sobre o estudo. Em todo o caso, serão refletidas e identificadas em conjunto com as profissionais aquelas que possam ser as melhores formas de devolução, nomeadamente através de intervenção psicológica e/ou social, dos resultados à jovem bem como à mãe da mesma.

### 2.3. Participantes

A escolha do caso a estudar teve em conta o seguinte perfil: Jovem com idade entre os 15 e os 17 anos<sup>2</sup>, do género feminino, oficialmente sinalizada por condutas/comportamentos desviantes e com, pelo menos, um ascendente direto (pai ou mãe) envolvido/a ele/a próprio/a em práticas desviante/s.

Assim, participou na investigação Artemis<sup>3</sup>, a mais nova de sete irmãos, com 16 anos de idade, que reside atualmente naquela que, em cinco anos, é a sua quarta Casa de Acolhimento. A jovem apresenta uma trajetória desviante caracterizada por consumo e tráfico de substâncias psicoativas, fugas constantes de Casas de Acolhimento, destruição de património, absentismo escolar e comportamento agressivo.

Participou, ainda, no estudo a mãe da jovem<sup>4</sup>, Paula, com 51 anos. A mesma encontra-se a viver uma situação de residencial instável, vivendo em casas de amigos, Centros de Acolhimento e já tendo passado por situação de sem-abrigo. Paula apresenta uma conduta desviante caracterizada por consumo de substâncias psicoativas e furtos.

---

2 O modo como as pessoas compreendem a realidade social, nomeadamente interpessoal, depende de capacidades cognitivas que determinam diferentes modos de organizar e integrar a experiência de relacionamento com os outros e de construir sentido e conhecimento a partir dessa experiência (Coimbra, 1990). Coimbra (1990), refere, ainda, que ao contrário de uma criança, os adolescentes são capazes de compreender a multiplicidade de possibilidades das situações sociais, tendo conceções mais complexas e abstratas de si próprio e dos outros. Sendo capaz, também, de se distanciar das situações, dispondo de quadros de referência que lhe permitem qualificar e tipificar os outros com quem se relaciona. Considerou-se que a partir dos 15 anos, a jovem já terá adquirido as competências mencionadas, que lhe vão permitir ser capaz de participar no presente estudo e corresponder, de forma simultaneamente retrospectiva e introspectiva, ao processo de exploração da sua trajetória.

3 A fim de manter o anonimato dos participantes, foram-lhes atribuídos nomes fictícios. A escolha dos nomes dos participantes teve como base o conteúdo apresentado na série de televisão americana Young Justice, uma vez que é possível encontrar algumas similitudes na história destas duas jovens. Artemis é uma jovem entre os 15 e 18 anos, cujos pais apresentam comportamentos desviantes e criminosos. A mãe é presente, sendo uma fonte de apoio e afeto, que incentiva a filha alcançar um futuro mais positivo. Por sua vez, o pai é ausente e fonte de mal-estar e sofrimento. A irmã mais velha, Jade, apesar de apresentar comportamentos também eles desviantes, nutre um profundo carinho pela irmã, sendo também ela apoiante do novo percurso de vida da irmã. Oliver e Dinah surgem na vida de Artemis como mentores, pessoas que veem as suas qualidades e acreditam nas suas capacidades e a guiam enquanto ela tenta evoluir e fugir às circunstâncias que lhe foram impostas na vida (Weisman & Vietti, 2010-Present). As semelhanças entre as histórias tornam-se evidentes daqui em diante. Mais se acrescenta, que na secção dos resultados nomes de participantes que surjam em citações foram alterados para os fictícios.

4 Inicialmente tencionava-se convidar, também, para participar, o pai da jovem, contudo, não foi possível que o mesmo participasse na investigação. Além do critério já mencionado, que permitia, também a seleção da jovem, deviam cumprir, o critério de participarem voluntariamente na investigação.

Participaram, também, Oliver (Educadora Social), gestora do caso de Artemis na Casa de Acolhimento e Dinah, a Psicóloga da Casa de Acolhimento, que acompanham a jovem desde a sua chegada à atual Casa de Acolhimento (ano e meio). Estas duas profissionais foram convidadas a colaborar uma vez que detêm uma relação de proximidade com a jovem, conhecendo o caso de uma forma holística e enquadrada em conhecimentos técnico-científicos provindos das suas áreas de formação. Através da participação das mesmas no estudo, procurou-se preencher lacunas de informação, adicionar e corroborar informação, por forma a alcançar uma visão mais completa acerca da jovem, da respetiva família, das relações e do histórico do caso.

#### **2.4. Processo de identificação e de envolvimento dos/as participantes**

Com o propósito de encontrar um caso que correspondesse ao perfil definido, procedeu-se à realização de um pedido de colaboração à Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), para se conseguir ter acesso às jovens internadas no Centro Educativo de Santa Clara. Após ter sido obtida uma resposta afirmativa, contactou-se com o Diretor do respetivo Centro Educativo, tendo-se concluído que aí não seria possível encontrar jovens aptas a participar na investigação, seja por não se enquadrarem no perfil, seja porque para as que seriam elegíveis se ter avaliado que a sua participação na investigação poderia ser desequilibradora ou por não ser possível o acesso aos progenitores.

Posto isto, em busca de um plano secundário, recorreu-se ao contacto de algumas instituições da região norte-centro, até que foram obtidos sinais de receptividade à colaboração junto da Psicóloga da Casa de Acolhimento na qual a jovem reside. Realizou-se uma reunião com a Psicóloga, que partilhou a sua opinião sobre qual seriam os casos que se enquadravam no perfil pretendido, sendo eliminadas desde o início jovens que tivessem chegado recentemente à Casa de Acolhimento e jovens emocionalmente mais fragilizadas. Deste modo, foram identificadas duas potenciais participantes, tendo-se considerado admitir ambas no estudo. Quando abordadas pela Psicóloga da instituição, apenas uma das jovens, Artemis, mostrou interesse em participar.

Foi marcado o primeiro contacto com Artemis, para o dia 9 de julho de 2021. Nessa altura, foi-lhe apresentada em detalhe a investigação e obtido o seu consentimento quer quanto à sua própria colaboração quer quanto aos procedimentos de contacto com os seus progenitores e com as profissionais da instituição, Dinah e Oliver.

A mãe da jovem foi contactada de imediato, tendo logo aceitado participar. O pai da jovem, Lawrence, não chegou a ser abordado pois a Casa de Acolhimento não dispunha de informações de contacto dele. A mãe da Jovem comprometeu-se a intermediar o contacto com este, no entanto, o facto de, entretanto, se terem voltado a separar tornou-se impossível chegar até à figura paterna de Artemis.

Na impossibilidade de colaboração do pai e tendo ficado claro, através das entrevistas com Artemis, que a jovem mantinha uma relação de proximidade com a irmã mais velha, Jade, optou-se por tentar contactar a mesma e convidá-la para participar com a anuência de Artemis. Considerou-se que Jade poderia ser uma fonte privilegiada de informação já que teria um conhecimento mais inteirado sobre a vida da jovem, bem como sobre as condutas dos progenitores, de modo que seria capaz de fornecer informação pertinente e de valor ao entendimento do caso, preenchendo algum vazio que a não participação de Lawrence pudesse causar. Contudo, quando contactada, Jade alegou não ter tempo disponível para reunir e ser entrevistada, não tendo, portanto, aceitado o convite de participação.

## **2.5. Técnicas e instrumentos**

A fim de atingir os objetivos propostos, recorreu-se à utilização de métodos biográficos, que se enquadram na metodologia qualitativa, nomeadamente ao Biograma. Trata-se de uma técnica desenvolvida por Agra e Matos (1997) e que permite analisar e interpretar as trajetórias de vida das pessoas, tendo em conta as continuidades, mas também os momentos de impasse, reorganização, desenvolvimentos e transição (e.g. Vicente, 2009). Permite, ainda, compreender os significados e sentidos que atribuem aos acontecimentos na sua vida, assim como os processos subjacentes ao estilo de vida desviante (e.g. Garrido, 2012), possibilitando que a pessoa reorganize os acontecimentos e construa a organização narrativa da sua vida (e.g. Manita, 2001). A figura chave deste processo é, portanto, a pessoa, uma vez que é quem vai

contar a sua história, bem como os significados e percepções que lhe atribui (e.g. Vicente, 2009). Deste modo, recorrendo à utilização deste instrumento, consegue cumprir-se o objetivo de dar voz à protagonista da sua própria história, a jovem. Respeitando que o Biograma é um instrumento criado pelo professor Cândido Agra, o mesmo foi contactado para o informar da sua utilização não tendo sido colocada nenhuma objeção ao uso do mesmo.

A utilização deste instrumento ocorreria da seguinte forma: numa primeira fase, em quatro sessões distintas, seriam recolhidas as componentes biográficas fundamentais com a jovem, organizadas por temáticas em Parte I, II, III e IV (cf. Anexo 1). A Parte I corresponde à identificação da jovem, bem como ao aprofundamento dos conhecimentos sobre a mesma, desde os seus interesses à sua personalidade, com a intenção de estabelecer uma relação com a mesma. A Parte II foca os contextos nos quais a jovem se insere (Meio/NSE; Escola). Por sua vez, a Parte III diz respeito às relações interpessoais na vida da jovem (Família/significativos; Relação com Família; Relação com Pares; Relações amorosas). A última parte de recolha de dados, a Parte IV, aborda a trajetória desviante da jovem, assim como as reações dos outros (família e amigos) à mesma, bem como possíveis trajetórias desviantes de outros membros da família (Família/significativos; Drogas e/ou álcool; Delitos; Reação aos Delitos).

A recolha de dados autobiográficos encontra-se, portanto, dividida em três grandes grupos: os contextos de vida, as relações interpessoais e a trajetória desviante. A sequenciação dos temas nesta ordem explica-se pela expectativa de que, com a evolução da relação investigadora-jovem ao longo das sessões, a jovem se sentisse mais confortável para abordar as relações, especialmente com a família, e a trajetória desviante.

Na Parte V, é preenchida a grelha gráfica do Biograma (cf. Anexo 4), na qual cada linha horizontal representa uma área da vida da jovem (tempos livres; relação com os pares; relações amorosas; escola; drogas e/ou álcool; delitos; meio/NSE; família; relação com família; reação aos delitos), organizadas em sequência temporal (do 1 aos 21 anos), que serão preenchidas de acordo com um sistema de cores e símbolos pré-definidos com a jovem. O preenchimento da grelha é feito em conjunto com a jovem com o intuito de perceber se a mesma se sente representada pelo “mapa” e revê neste a sua trajetória de vida e eventos marcantes. Para finalizar, a jovem deve identificar as fases, períodos ou ciclos de vida que para si são relevantes na sua história, atribuindo um título às mesmas (Manita, 2001; Agra & Matos, 1997).

Na presente investigação, a recolha de dados biográficos ficou incompleta pois, a dado momento, a jovem decidiu descontinuar a sua participação na investigação. Por conseguinte,

recolheu-se informação apenas relativamente aos temas associados às Partes I, II e III (excluindo Relação com Pares e Relações amorosas).

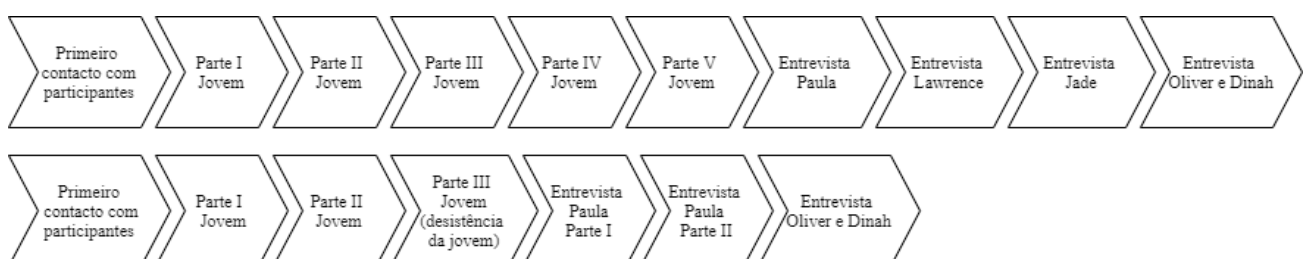
Com as restantes fontes de informação, fontes de dados heterobiográficos, mãe, Técnica gestora do caso e Psicóloga, foi realizada uma entrevista semiestruturada. A *entrevista*, nomeadamente de tipo semiestruturado, permite ao entrevistador um maior controlo sobre o rumo da entrevista, dando ainda espaço para que exista uma reflexão livre e espontânea por parte do entrevistado (e.g. Minayo & Costa, 2018). Esta técnica permite que os entrevistados aprofundem temáticas que para si sejam relevantes, sendo flexível, no sentido que permite que o entrevistador adicione tópicos à medida que a entrevista avança, adaptando-se ao discurso do entrevistado, facilitando a recolha de informação (Bogdan & Biklen, 1994).

A entrevista semiestruturada realizada com Paula teve como intuito recolher informação geral sobre o sistema parental, como a tipologia da atividade desviante na qual estiveram envolvidos, sobre a família, nomeadamente o número de filhos, constituintes do agregado familiar e relação dos pais um com o outro. Posto isso, o foco do guião da entrevista (cf. Anexo 2) é a relação dos pais com a jovem, na infância, ao longo do crescimento da jovem e atualmente, recolhendo, também, informação sobre a implementação de regras, sobre o modo como os comportamentos desviantes adotados pelas figuras parentais foram presenciados pela jovem e as atitudes adotadas pelos pais perante o comportamento desviante da própria jovem.

Com Oliver e Dinah, através da entrevista semiestruturada, pretendeu-se perceber qual a perceção das profissionais sobre este caso, acedendo à visão das mesmas quanto a trajetória desviante da jovem e ao papel dos pais na mesma. O guião desta entrevista encontra-se no Anexo 3.

## 2.6. Procedimentos de recolha de dados

**Figura 1.** Fluxograma do processo de recolha de dados: atividades planeadas vs realizadas



O processo de recolha de dados teve a duração de um mês e meio, tendo-se iniciado a 9 de julho e terminado a 20 de agosto de 2021.

O primeiro contacto ocorreu com Artemis e Oliver, sendo que a Técnica estava presente por escolha da jovem que referiu ficar, dessa forma, mais confortável. Neste primeiro encontro procedeu-se à recolha de dados inerente à Parte I do Biograma (duração de aproximadamente 1h30). No final, foram marcados os restantes momentos de entrevista.

Nos dias seguintes ao primeiro contacto, na semana de 12 a 16 de julho, Artemis fugiu da instituição. Esteve desaparecida durante três dias e regressou para a Casa de Acolhimento por vontade própria. Por esta razão, tornou-se incerto se a recolha de dados iria prosseguir. Questionada por Oliver se queria ou não continuar com a investigação a jovem decidiu que sim. Desta forma, no dia 16 de julho<sup>5</sup> realizou-se a recolha de dados correspondente à Parte II do Biograma (duração 23 minutos e 14 segundos), durante a qual a jovem se mostrou visivelmente abalada e fragilizada.

Posteriormente, a recolha de dados relativos à Parte III foi realizada no dia 23 de julho (duração 38 minutos). Durante esta sessão, a jovem foi-se mostrando desatenta e triste, tendo afirmado, sensivelmente a meio da entrevista, não se sentir bem para continuar a responder as questões, pelo que se interrompeu a entrevista de imediato. É importante salientar que a Parte III aborda essencialmente as relações interpessoais, com especial enfoque na família. No dia 26 de julho estava prevista a recolha de dados da Parte IV do Biograma. No entanto, Artemis, assim que se iniciou a sessão, partilhou que não pretendia continuar com as entrevistas, justificando esta decisão com o facto de que os temas que estavam a ser abordados a “magoavam”. A decisão de Artemis foi totalmente respeitada.

Seguiu-se a entrevista semiestruturada com a mãe que foi realizada no dia 3 de agosto com recurso à ferramenta de videochamada do Whatsapp (por ser para si o mais conveniente) Ao fim de 15 minutos de entrevista, Paula pede um momento, uns minutos depois a chamada vai abaixo. Durante as horas e dia seguinte a mãe da jovem ficou incontactável sendo que quando, finalmente, se conseguiu entrar de novo em contacto com ela, agendou-se a continuação da entrevista para o dia 6 de agosto (duração 23 minutos e 43 segundos).

Para finalizar a recolha de dados, foi realizada a entrevista a Oliver e Dinah, que teve a duração de 1 hora e 32 minutos. A entrevista às mesmas foi realizada em conjunto, uma vez

---

<sup>5</sup> Importa mencionar que tendo em conta a instabilidade da pandemia durante este período as entrevistas daqui em diante foram todas realizadas via Zoom.

que a intervenção com a jovem é multidisciplinar, logo o trabalho da Técnica gestora do caso e da Psicóloga é complementar, assim como a informação que podem fornecer. Apesar de a entrevista ter sido realizada em conjunto, houve o cuidado de dar a oportunidade a ambas de expressarem a sua opinião e leitura do caso, não tendo sido mais valorizada uma opinião em relação à outra.

## **2.7. Procedimento de análise de dados<sup>6</sup>**

Amado (2013) afirma que a correta e adequada caracterização da situação em que o caso em estudo se verifica ou em que o mesmo consiste é um dos aspetos primordiais da metodologia estudo de caso. Tendo em conta que aquilo que se pretende explorar são relações entre acontecimentos, comportamentos e atitudes, percebendo a influência que uns exercem sobre os outros, e com vista à caracterização mais correta e ampla do caso possível, tornou-se evidente que este caso carecia do recurso a uma estratégia analítica de mapeamento dos acontecimentos e fatores que pontuaram a trajetória de Artemis e que, de alguma forma, confluíram para a sua trajetória desviante, para a pessoa que é e para a situação em que presentemente se encontra. Em vista disso, a análise de dados foi realizada tendo em vista a construção de um diagrama que representasse, graficamente, a teia e/ou constelação de variáveis que foram identificadas como dimensões salientes da vida de Artemis, recolhidas diretamente da sua narrativa ou do testemunho das outras participantes. Para tal, a análise de dados realizou-se da seguinte forma:

Primeiramente, após a realização da recolha de dados e respetiva transcrição, a informação obtida foi lida uma primeira vez; posteriormente foi realizada uma nova leitura, destacando, desta vez, a informação que se revelava pertinente e interessante à luz do objetivo do estudo.

Em seguida, foi realizada uma terceira leitura, desta feita mais orientada pelos focos de investigação sugeridos pelas questões de investigação. Neste seguimento, foram criados vários

---

<sup>6</sup> Inicialmente, planeava-se realizar a grelha gráfica do Biograma, que serviria como um ponto central da análise, sendo complementada por uma análise de conteúdo do discurso da jovem, da mãe e da Técnica e Psicóloga. Porém, por conta da desistência da jovem não se concluiu a realização do Biograma. Considerando que não existe informação suficiente e coerente relativamente à temporalidade dos acontecimentos, não foi possível proceder com o preenchimento da grelha final do Biograma. Além disso, olhando para aquele que era o panorama da presente investigação, no que concerne à metodologia utilizada, nomeadamente estudo de caso, a quantidade de fontes de informação e a informação à disposição, refletiu-se que a análise de conteúdo seria uma metodologia muito estruturada e que possivelmente não iria permitir um olhar holístico sobre o caso em estudo.

blocos organizadores de informação: percepção da jovem quanto aos fatores concorrentes para o seu envolvimento em práticas desviantes; explicações da figura materna para a iniciação por parte da filha de uma trajetória desviante; discurso da mãe vs comportamentos da mãe; fatores individuais; trajetória desviante jovem; fatores familiares (parentalidade; relação pais; relação mãe-filha; relação pai-filha; relação entre irmãos; relação pais-filhos; trajetórias desviantes família); outros contextos/fatores (escola; pares; relações amorosas); acontecimentos de vida (Casas de Acolhimento; fugas); fatores protetores e futuro.

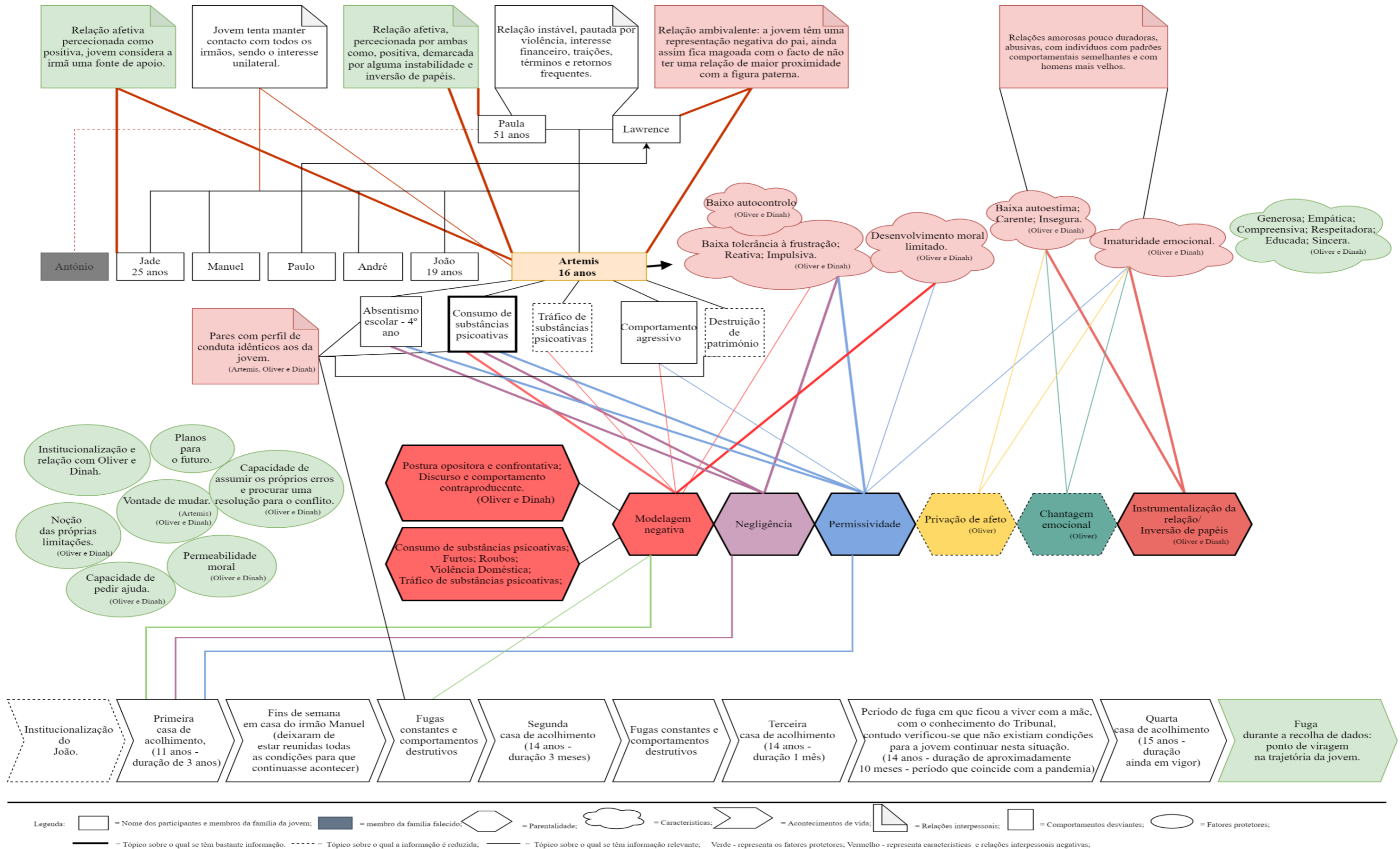
Recorrendo à informação reunida nessas categorias, e ao longo de várias tentativas, foi-se construindo o diagrama enquanto esquema compreensivo da trajetória desviante de Artemis. No espaço aberto de uma folha em branco, posicionou-se todas as informações relevantes, de uma forma que pudesse tornar mais perceptível a rede de relações (hipotéticas) entre dimensões/fatores que emergiram do material recolhido como particularmente influentes na iniciação e continuação da trajetória desviante de Artemis, não perdendo de vista a suposição de que não terão sido alheios a esse processo fenómenos de transmissão intergeracional de base familiar mas que outros fatores nele terão participado.

A análise de dados apenas ficou completa no momento do relato e descrição de resultados, quando o diagrama foi tomado como ponto de ancoragem para uma abordagem mais aprofundada, elaborada e sustentada teoricamente, da diversidade de influências, familiares e extrafamiliares, que parecem ter marcado o percurso de Artemis. A secção seguinte corresponde ao corolário desse trabalho de análise.

Segue-se o diagrama. É fundamental ressaltar que representa, antes de mais, uma tentativa (a última a que se chegou e a que se considerou mais satisfatória) de modelar e ilustrar a configuração do sistema de relações/associações entre as dimensões mais salientes do caso em estudo, desenhada em função dos dados recolhidos junto das diversas fontes. O diagrama será analisado e explicado mais em detalhe na próxima secção.

**Figura 2:** *Diagrama ilustrativo das dimensões e constelações salientes do estudo de caso*

**Figura 2. Diagrama ilustrativo das dimensões e constelações salientes do estudo de caso**



## Resultados e Discussão

Artemis é uma jovem de 16 anos que se descreve como rebelde, respeitadora, que defende os amigos e protege a família, que é sincera e, por vezes, insistente e intrometida. Por sua vez, a mãe afirma que a filha mudou muito ao longo do tempo, principalmente desde que foi para a primeira Casa de Acolhimento notando que, atualmente, Artemis é mais preocupada e madura.

Oliver e Dinah, as profissionais que acompanham Artemis na Casa de Acolhimento, caracterizam a jovem como uma pessoa respeitadora, empática, carinhosa, generosa, agradecida e que reconhece aquilo que os outros fazem por si. Todavia, também a descrevem como uma jovem com baixo autocontrolo, que apesar de não aceitar bem o uso da violência, em momentos críticos responde de forma explosiva e com agressividade. Acrescentam que Artemis é impulsiva e que não tem controlo sobre esses impulsos embora tenha noção dessas suas dificuldades socioemocionais e tente, por isso, lutar para as ultrapassar. A nível emocional, descrevem a jovem como imatura, com baixa autoestima, carente e apelativa em termos afetivos que necessita da aprovação e validação dos outros. Na opinião das profissionais, em parte devido a estas características afetivas e emocionais, a jovem apresenta alguma dificuldade em compreender os limites das relações, isto é, por vezes ultrapassa a linha daquilo que é aceitável entre uma jovem e os profissionais da instituição (e.g. brincadeiras, carinhos em momentos não apropriados, etc.).

Na trajetória de Artemis identificam-se diversos sinais de alerta relativamente ao que veio a ser o desfecho desviante: os elevados níveis de absentismo escolar, presentes desde o 4.º ano de escolaridade; o insucesso escolar (a jovem não soube precisar o número de vezes que reprovou); o consumo de tabaco e álcool quando ainda era menor de idade; e, também, desde cedo, o consumo de substâncias psicoativas, nomeadamente haxixe, e o tráfico de substâncias psicoativas; a destruição de património (e.g., furar os pneus de profissionais das Casas de Acolhimento); o comportamento agressivo (e.g., confrontos com pares); as fugas constantes das Casas de Acolhimento.

A temporalidade de cada uma destas ocorrências não é muito clara, contudo, ficou perceptível que algumas delas foram coocorrentes, designadamente o absentismo escolar, o consumo de substâncias psicoativas, de tabaco e álcool, tendo-se estas tornado práticas/con-

dutas recorrentes ao longo de todo o seu percurso. O tráfico de substâncias psicoativas aconteceu antes da primeira entrada numa Casa de Acolhimento e a destruição de património aconteceu posteriormente a essa primeira institucionalização. O comportamento agressivo tem-se manifestado de forma constante até recentemente. As fugas, durante as quais consegue em abundância, são acontecimentos comuns na vida da jovem. Na informação à qual a Técnica gestora do caso teve acesso, surge referência à suspeita de que Artemis obtivesse dinheiro ou estupefacientes em troca de favores sexuais. A informação acerca da existência e/ou frequência dessa eventual promiscuidade sexual é, no entanto, escassa.

Assim, Artemis é a filha mais nova de Paula, de 51 anos, e de Lawrence. A jovem tem sete irmãos: António<sup>7</sup>, que faleceu antes do seu nascimento e que era meio-irmão de linha materna; Jade, de 25 anos, Manuel, Paulo (meio-irmão por parte do pai), André<sup>8</sup> e João de 19 anos.

Primeiramente, é importante refletir sobre a morte do meio-irmão António. Sendo ele o filho primogénito da mãe de Artemis, não pode deixar de se ter em conta a hipótese de a morte deste filho ter impactado Paula de formas que, por razões de natureza ética, se optou por não explorar. De facto, a morte, independentemente das causas e momento da vida em que acontece, causa sofrimento, angústia e medo e esses sentimentos ganham uma maior dimensão quando se trata da morte de um filho, podendo provocar desajustamento na estrutura e organização do sistema familiar (e.g. Brandão & Chalhub, 2009). Uma vez que não existe muita informação sobre as circunstâncias e vivências desta perda por parte de Paula, não é possível elaborar sobre as suas implicações familiares e pessoais; ainda assim, é importante destacar este acontecimento porquanto é possível que tenha afetado Paula e interferido negativamente no modo como exerceu/exerce a maternidade bem como no tipo de vínculo que terá estabelecido com os/as filhos/as que se seguiram a António.

A relação de Paula com os filhos pode ser caracterizada como disfuncional, não existindo grande investimento afetivo de Paula nos seus filhos, à exceção de Artemis, com quem Paula tem procurado cultivar alguma proximidade, ainda que, em certa medida, como se verá mais adiante, para seu próprio benefício: *“A minha relação com a minha mãe é boa, há dias que estou mal com ela, há dias que estou bem, porque ela tá sempre a dizer para eu me*

---

7 Importa referir que os nomes dos irmãos, à exceção de Jade, foram selecionados ao acaso, uma vez que não existia informação em abundância sobre os mesmos ou uma relação interpessoal de elevada significância, comparativamente à relação de Artemis e Jade, que justificasse atribuição de nomes mais personificados como com os restantes participantes.

8 Não existe informação sobre a idade de Manuel, Paulo e André.

*portar bem, e eu porto-me bem por ela e não só por ela, por mim também não é, e noto que ela se preocupa comigo.*” (Artemis).

Paula partilha desta opinião da filha, ainda que considere que a relação esteja muito melhor atualmente. No entanto, o modo insatisfeito como Artemis descreve a comunicação entre ambas permite perceber que há alguma superficialidade afetiva no relacionamento mãe-filha:

*“Não falamos quase nada, ela pergunta se eu estou bem, eu pergunto se ela está bem e depois ela desliga-me o telemóvel parece que não quer tempo nenhum comigo e eu tá bem, mas é assim eu vou falar com ela quando ela me ligar e vou lhe dizer isso na cara, porque é assim eu gasto o meu tempo, (...), porque eu não quero desligar o telemóvel, mas ela quer que eu desligue o telemóvel então eu desligo e pronto não falamos mais nada, mas assim não faz sentido.”*

Ainda que perceçione a relação com a mãe como sendo boa (pelo menos em comparação à relação com o pai), e compreenda que a situação na qual a mãe se encontra possa constranger a sua ligação com ela, Artemis manifesta sentir necessidade de mais envolvimento por parte da mãe. Importa mencionar que, ao longo do processo de recolha de dados, se foi percebendo que, em paralelo, ocorria uma evolução na qualidade da relação entre Paula e Artemis, tendo a mãe começado a visitar com mais frequência e investir mais nesta relação<sup>9</sup>.

Relativamente à figura paterna, os/as filhos/as, incluindo Artemis, têm uma representação muito negativa do pai. Artemis menciona: *“Os meus irmãos, mesmo todos, não gostam do meu pai, nenhum gosta do meu pai por causa das porcarias que ele fez...”*; *“...os meus irmãos deixaram de gostar do meu pai porque o meu pai era praticamente um monte de merda e é mesmo assim.”* (Artemis).

A forma como Artemis experiêcia a relação com o pai é complexa. Com efeito, parece existir por parte da jovem alguma ambivalência em relação ao pai: por um lado, Artemis não aprecia o comportamento de Lawrence (tanto em geral como em relação a si própria) mas, por outro lado, sente falta e gostaria de ter com o pai um outro tipo de relacionamento. Artemis menciona que *“Agora o meu pai, é uma relação que não dá.”*, acrescentando, mais tarde, que sente que o pai só lhe liga *“Para me chatear a cabeça.”* Por sua vez, Dinah assinala que é notório que a jovem *“... fica magoada quando o pai não lhe liga ou não quer saber a sério dela.”* e que *“... ela queria que existisse uma idealização.”* daquela que é uma relação pai-filha.

---

<sup>9</sup> Possivelmente, esta aproximação deve-se a fragilização causada pela mais recente separação de Lawrence, sendo Artemis uma fonte de apoio.

Quanto aos irmãos, Artemis funciona como um elo de ligação entre eles, sendo ela a única que mantém uma relação com todos/as eles/as. Esta é, porém, uma relação de fraca reciprocidade, pois é Artemis que faz maior parte do esforço para que se mantenham em contacto, sem que exista da parte dos irmãos a iniciativa de manter ativa a relação com Artemis. No contexto desta fratria, destaca-se a relação de Artemis com a irmã Jade: sempre foram próximas, desde que a jovem era criança, sendo até a Jade quem tomava conta dela; posteriormente à ida para Casas de Acolhimento, durante as fugas das mesmas, era ao encontro desta irmã que Artemis ia. Atualmente, Artemis percebe Jade como uma fonte de afeto, apoio e alguém que a incentiva a estudar e trabalhar pelo seu futuro.

A trajetória de Artemis pode começar, então, a ser compreendida a partir das figuras parentais e da natureza da relação entre eles. Paula e Lawrence conheceram-se no local de trabalho de Paula. Na altura Lawrence era ainda casado, mas, algum tempo depois, separou-se e, mais tarde, casaram. Paula refere que o casamento sempre foi complicado e pontuado por grande conflitualidade e instabilidade: havia violência doméstica de Lawrence sobre Paula, traições da parte de Lawrence, separações constantes e tentativas de roubo a Paula por parte de Lawrence (tentava ficar com o ordenado da companheira). A alternância de separação e reconciliação constitui uma regularidade na dinâmica conjugal que se observa até hoje<sup>10</sup>. Aparentemente, estas inconstâncias do sistema parental causam alguma angústia à jovem: Oliver menciona que Artemis ficou aliviada depois de saber da mais recente separação.

Paula vive numa situação residencial instável, habitando em casas de amigos, ou Centros de Acolhimento, tendo passado por situações de sem-abrigo. Quanto aos filhos, atualmente, nenhum vive com os pais. Cada um dos irmãos de Artemis começou, gradualmente, a sair de casa para ir viver sozinhos ou com parceiros românticos. Artemis, por sua vez, foi viver aos 11 anos de idade para uma Casa de Acolhimento. Além de Artemis também João já tinha estado numa Casa de Acolhimento.

Falta de supervisão e de regras, permissividade, negligência severa, consumo dos pais e violência doméstica foram os impulsionadores da retirada da jovem à família aos 11 anos idade em que foi colocada, pela primeira vez, numa Casa de Acolhimento. Entrou em 2016 e aí permaneceu até 2019, data em que foi transferida para outra instituição. Os motivos

---

<sup>10</sup> Nomeadamente, durante a recolha de dados, mais precisamente no início da mesma Paula e Lawrence estavam juntos, tendo se separado novamente uma semana depois.

apresentados para essa transferência foram, segundo Oliver, as fugas constantes e comportamentos destrutivos (não identificados). De acordo com Artemis, os motivos das fugas prendiam-se com a sua vontade de estar com os amigos e consumir estupefacientes, sentir-se presa e restringida nas instituições e/ou, por alguma coisa que lhe era transmitido por algum membro da família (e.g., mãe mencionar que ficou sem emprego ou não ter onde dormir). Importa referir que, apesar de não existir informação se a mãe e a irmã alguma vez incentivaram as fugas, tanto Dinah como Oliver admitem que ambas fossem coniventes com Artemis nestas saídas e vivências clandestinas das jovens quando fugida das instituições.

Ficou nessa segunda Casa de Acolhimento, durante três meses período após o qual houve necessidade de, pelos mesmos motivos, ser novamente transferida, ainda em 2019, para uma instituição diferente. Segundo os registos, Artemis terá residido nesta terceira Casa de Acolhimento durante um mês. Contudo, a jovem menciona ter fugido da mesma, logo na primeira noite.

Esta fuga da jovem durou quase um ano. Coincidiu com o início da pandemia e o Tribunal, sabendo que a jovem se encontrava com a mãe, decidiu dar-lhes a oportunidade e testar se seria viável Artemis voltar a viver com a mãe. Todavia, ao invés de estar com Paula, Artemis ia para casa do namorado da altura. Nessa fase, além de o namorado ser abusivo, os consumos de estupefacientes de Artemis foram elevados (sendo realizados, até, em conjunto com a mãe) e os padrões de comportamento materno negligente e permissivo mantiveram-se. Por isso, quando foi encontrada<sup>11</sup>, a jovem foi encaminhada, em julho de 2020, com 15 anos, para a Casa de Acolhimento na qual atualmente se encontra e onde conheceu Dinah e Oliver, a sua Psicóloga e a Técnica gestora do seu caso, respetivamente.

De julho 2020 a julho de 2021 a jovem manteve-se sem consumir estupefacientes, sem fugir, a frequentar regularmente a escola e a fazer planos para o futuro. Contudo, durante a recolha de dados, mais concretamente após o primeiro momento de entrevista, a jovem fugiu, tendo estado desaparecida durante três dias. Artemis alega que o que a levou a fugir foi o cansaço, o facto de não se sentir bem, de se sentir presa e as influências das colegas. Oliver menciona que, no dia anterior à fuga da jovem, Paula lhe teria dito que se encontrava em situação de sem-abrigo, algo que, segundo a Técnica, terá também motivado a decisão de fuga dado que Artemis terá querido ajudar a mãe.

---

<sup>11</sup> Paula menciona que a razão pela qual levaram a jovem novamente foi por conta de Artemis ter chegado à pensão transtornada e quando a mãe a confronta Artemis fica agressiva, Paula considerou que o melhor era ligar à polícia e deixar que ela voltasse para a Casa de Acolhimento. A mãe de Artemis confessa que tem momentos em que se arrepende dessa decisão e outros em que acha ter sido a atitude correta.

Durante o tempo em que esteve em fuga, Artemis passou fome, frio, dormiu em casas abandonadas e não teve acesso a cuidados/produtos de higiene. Por conta disto decidiu voltar para a instituição, tendo-o feito pelo seu próprio pé (regressou, literalmente, a pé para a Casa de Acolhimento).

Tanto Oliver como Dinah destacam esta fuga mais recente como um ponto de viragem na trajetória da jovem, afirmando que, depois disso, a sua postura mudou muito e que foi um exercício importante e terapêutico, principalmente porque, desta vez, a jovem escolheu estar ali. Artemis confirma que assim foi: “*Sim, desde que fugi agora mentalizei que é a minha vida.*”.

A institucionalização é um acontecimento que pode ser acompanhado por sentimentos de perda, solidão, abandono, dado que implica que a jovem enfrente a realidade de negligência e insensibilidade parental (e.g., Mota & Matos, 2008). Contudo, pode também apresentar-se como um fator protetor, uma vez que durante a institucionalização a jovem pode vir a estabelecer relações afetivas seguras, tanto dentro como fora da instituição, permitindo uma organização emocional mais complexificada, ultrapassando, assim, o estado de vulnerabilidade, permite, também, que a segurança nas relações represente um fator protetor para o futuro. De facto, em diversos casos, a instituição representa um ambiente de grande impacto no qual participam em inúmeras atividades, assumem papéis e tem interações simbólicas (e.g., Mota & Matos, 2008).

A literatura elucida, efetivamente, que determinadas circunstâncias familiares preveem o comportamento delinvente: instabilidade financeira (e.g., Savignac, 2009; Costa, 2016); conflito parental (Farrington & Welch, 2008); desestruturação familiar (e.g., falecimento de um membro da família, família numerosa, divórcio, encarceramento de uma figura parental) (e.g., Moreira, 2013); práticas educativas negligentes e/ou demasiado permissivas (e.g., Farrington et al., 2012), como a privação de cuidados parentais adequados (e.g. fornecer comida, produtos de higiene) (e.g., Moreira, 2013) e a falta de disciplina, supervisão e imposição de limites (e.g., Savignac, 2009); abuso de substâncias psicoativas por parte dos pais (e.g., Savignac, 2009), comportamento criminal de irmãos/ãs (e.g., Savignac, 2009); o histórico parental de comportamento antissocial e a criminalidade parental (e.g., Wasserman et. al, 2003; Farrington & Welch, 2008; Savignac, 2009; Moreira, 2013). Em concordância, Dell’Aglío e colaboradores (2004) perceberam com o estudo que realizaram com 50 adolescentes do género feminino, que a falta de estabilidade e fragilidade das relações interpessoais durante o desenvolvimento estariam relacionadas com a manifestação de comportamentos desadaptativos, sendo facilitadores de uma iniciação de uma trajetória desviante.

O histórico de maus-tratos por parte dos pais, sendo este caracterizado pela presença de abuso físico, sexual, emocional, negligência física e emocional (na trajetória de Artemis evidencia-se a existência de negligência física e até emocional), está positivamente relacionado com trajetórias desviantes (e.g., Braga et al., 2017). Contudo, esta relação não é determinista, isto é a ligação entre os maus-tratos e a desviância é influenciada por uma complexa interação de fatores individuais, sociais e contextuais, que operam, normalmente, em combinação com os maus-tratos. Nomeadamente, os maus-tratos coincidem com a existência de outras adversidades como a pobreza, a violência doméstica, doença mental parental, consumo de substâncias psicoativas (e.g., Craig et al., 2021).

O ambiente familiar no qual Artemis cresceu apresenta uma boa parte destas características:

No que concerne à prestação de cuidados parentais por Paula e Lawrence, foi possível identificar indicadores de negligência: “...eu não tinha muitas condições, por isso é que estou aqui neste momento.”; “Basicamente, eu vou-lhe explicar, eles não gostavam de trabalhar, então eu passava fome, não tomava banho, ...” (Artemis).

Quando questionada sobre quem é que lhe comprava material escolar e/ou roupas, a jovem identifica a irmã, Jade, como a pessoa que sempre tratou dessas coisas para ela. Além disso, a jovem explica que começou a traficar substâncias psicoativas por causa das dificuldades financeiras e das necessidades por que passava.

A nível das práticas educativas parentais, ressalta do discurso da jovem, da Psicóloga, da Técnica e da própria mãe, que Artemis esteve exposta a um padrão de excessiva permissividade (falta de supervisão, de limites e regras, disciplina e estrutura, orientação, ...): “... eu quando era pequena saía com os amigos meus, eu não ficava em casa a brincar com ela<sup>12</sup>.” (Artemis); “A minha mãe dizia para eu não fumar, mas eu fumava na mesma.” (Artemis), questionada sobre se esse consumo era realizado às escondidas ou na frente da mãe, a jovem responde, “Não, na mesma com ela.” (Artemis); “... tem uma baixa tolerância à frustração, impulsividade e reatividade, nota-se que cresceu muito sem estrutura e sem limites...” (Dinah); “... a certa altura o tribunal assumiu mesmo que ela ficasse com a mãe, na pensão, a viver aos cuidados da mãe, mas não correu bem, ela vivia muito sem regras e ausentava-se e tinha namorados maiores de idade e consumia muito.” (Dinah); “Quando a Artemis tinha 14 anos, ela já achava aceitável a Artemis ter um relacionamento com um

---

12 Em referência à mãe.

*adulto de 30...*” (Dinah); *“Um bocadinho complicado, eu deixava-a fazer tudo o que ela queria, foi o meu erro.”* (Paula); Oliver prevê que esta prática educativa dificilmente se alterará *“Eu acho que a mãe nunca lhe vai conseguir pôr esses limites, até porque a mãe já acha que, a Artemis tem 16 e ter 16 já é assim uma crescida...”*.

Não só as atitudes e comportamentos que os pais têm diretamente para com os/as filhos/as são práticas parentais com influência na sua formação; também aquilo que é aprendido através da observação é uma fonte de educação, designada de modelagem. Destacam-se, portanto, nesta família, comportamentos desviantes vários e da parte de inúmeros membros da família, aos quais Artemis esteve/está exposta, tais como: consumo de substâncias psicoativas (Paula, Lawrence, Manuel, Paulo, João); furtos (Paula e Lawrence); roubos (Lawrence); violência doméstica (Lawrence); tráfico de substâncias psicoativas (Lawrence); *“... possibilidade de prostituição tanto da parte da mãe como do pai...”* (Oliver).

Artemis esteve/está também sujeita a processos de modelagem de comportamentos negativos, sobretudo por parte da mãe e da irmã, figuras mais presentes na vida da jovem. São disso exemplo, a postura desadequada que estas adotam perante figuras de autoridade e o discurso e comportamento que ambas têm para com comportamentos desviantes de Artemis, principalmente depois da sua entrada em Casas de Acolhimento, por exemplo:

*“... esta família também é muito de, se está tudo como eles querem, “somos ótimos, está perfeito”, mas se alguma coisa em determinado momento não, é “o que é que fizeram à minha irmã? Porque é que a minha irmã está aí? (...)” e viram-se totalmente contra, ou seja, são posturas muito dispares.”* (Oliver);

*“E mostra totalmente o errado a Artemis, por exemplo, houve uma vez (...), tivemos uma visita supervisionada aqui no exterior e a Artemis estava-lhe a explicar que tinha desaparecido uma tesoura e que nós andávamos a procura da tesoura, (...) porque é uma das coisas com as quais elas não podem andar sem nós sabermos onde é que estão (...), e eu a explicar “pois porque alguma de vocês se pode cortar e magoar” e a mãe da Artemis a dizer “pois lá na casa de acolhimento onde eu estou também acontece isso, não podemos andar com tesouras, olhe eu logo no dia seguinte fui comprar uma tesoura e ando com ela e aí de quem me a tire, porque eles tem de perceber que as regras não são como eles querem”, (...) ela tem esta necessidade de mostrar à Artemis que contorna as regras e que ninguém conseguia que ela entregasse a tesoura e que quanto mais elas tentassem pior ela ia fazer, este discurso é também muito complicado, ela tem alguém aqui sempre a dizer uma coisa e de repente a mãe chega e desconstrói tudo aquilo...”* (Oliver).

Segundo Moreira (2013), sendo a família responsável pela supervisão, punição e educação da criança, se os membros da família apresentarem uma conduta desviante, marcada por baixo autocontrolo, provavelmente, o/a jovem irá desenvolver comportamentos semelhantes. Além disso, a exposição a comportamentos violentos por parte dos progenitores é um preditor de o/a jovem apresentar comportamentos semelhantes (e.g. Wasserman et al., 2003; Savignac, 2009). Artemis, apresenta, de facto, um baixo autocontrolo, impulsividade

e reatividade, respondendo agressivamente quando em situações de conflito. Isto, deve-se, possivelmente, à exposição à violência, bem como à educação permissiva e negligente que sofreu, uma vez que não foi preparada na família para obedecer a regras e/ou respeitar limites.

No que concerne ao consumo de substâncias psicoativas, Schenker e Minayo (2003) concluíram que pais que coparticipam no consumo de estupefacientes com os filhos apresentam dificuldades em implementar limites e transmitir normas aos filhos, não apresentando capacidade de os educar, que resulta em vínculos familiares de má qualidade e, conseqüentemente os/as jovens encaram a lei e as normas com ambigüidade. Pais dependentes de estupefacientes tendem a externalizar a responsabilidade do comportamento dos filhos (e.g., Schenker & Minayo, 2003). Por sua vez, Suchman et al. (2005), afirmam que o consumo de substâncias psicoativas por parte de figuras parentais compromete a qualidade da relação pai/mãe-filho/filha. Normalmente, filhos/as de pais que consomem estupefacientes são frequentemente sujeitos a negligência, sofrem carências básicas, condições de residência caóticas e exposição a atividades relacionadas com o consumo, como tráfico de estupefacientes e violência (e.g., McKeganey et. al., 2002). Quando os pais são insensíveis ao conforto e cuidado dos filhos, por causa do consumo de substâncias psicoativas, as crianças são ensinadas de que os outros não se importam, que os vão rejeitar e são inconsistentes, percebendo-se a si mesmos como não merecedores de amor (e.g., Suchman et al., 2005). A internalização que é realizada pelo/a jovem define as relações futuras, sendo um antecessor de futuros problemas psicológicos (e.g. Lopez et al., 2009).

Neste seguimento, e a nível emocional, segundo a literatura, relações interpessoais frágeis (e.g., Savignac, 2009; Magalhães, 2010), a falta de envolvimento dos pais na vida dos filhos (e.g., Wasserman et al., 2003) e a inversão de papéis (e.g., Magalhães, 2010), são fatores de risco para o comportamento delinquente. Evidencia-se, assim, a avaliação que as profissionais da Casa de Acolhimento fazem do caso de Artemis. Dinah descreve a presença de chantagem emocional e até privação de afeto na família de origem da jovem que, segundo afirma, estarão na base da carência afetiva e do medo que a jovem de não ser amada: *“Nota-se que houve aqui alguma chantagem emocional como ferramenta em casa, claramente, até privação de afeto como estratégia punitiva, (...), nota-se que isto foi uma situação que ela viveu a vida dela toda, (...), isto é o que mais a perturba, este receio.”* (Dinah). Oliver corrobora esta interpretação de Dinah e exemplifica com uma situação concreta:

*“A mãe acaba por ter aqui ciúmes da própria relação das filhas. A mãe chegou a dizer-me várias vezes que não compreendia (...) porque é que quando pensávamos em férias ou mesmo quando vamos*

*lá (...) só um dia (...) porque é que tinha de ser na casa da Jade e eu explicava-lhe (...) mas ela não compreende, fica com ciúmes “ah, então vais escolher a tua irmã” e diz isto à Artemis. “Agora vais querer a tua irmã, não me vais dar mais atenção” (Oliver);*

*“A Artemis chegou-me a relatar que ela chegou a ter um envolvimento, uma relação com um namorado da Jade (...) houve uma altura em que a Artemis tem um namorado qualquer e a mãe lhe pede o número ou qualquer coisa que era para saber quem ele era e a Artemis vem falar comigo muito atrapalhada e diz “olhe, é que eu já estou mesmo a ver o filme, é que ela já fez isto com a minha irmã Jade...” (Oliver).*

Ocorre, ainda, uma inversão de papéis na relação de Artemis com Paula, ou seja, primordialmente é a filha quem assume a responsabilidade de cuidadora, confidente, conselheira, existindo, por vezes, por parte da mãe, a tendência para uma certa instrumentalização da relação com Artemis:

*“Acho que (...) ela procura e tudo mais, porque a Artemis também lhe dá, seja a nível de afetos, seja a nível de respostas para a vida dela. Agora, a Paula tem um problema que é, (...) os filhos é que têm de fazer um bocadinho o papel dos pais. Ela inverte aqui um bocado o papel com todos os filhos, ou seja, os filhos têm de pagar coisas, os filhos têm disto ou aquilo, porque se não, não estão a ajudá-la e ela acha que os ajuda realmente quando eles precisam, mas a verdade é que ela está sempre a pedir algo em troca – “e porque eu ajudei-te não sei quando, tu agora tens de cuidar de mim, tens de me aceitar em tua casa” (Oliver);*

*“É muito egoísta, é autocrada nas suas necessidades (...) tem uma relação afetuosa com a família (...), é genuína, não é só utilitária e instrumentalizada, mas claramente, eu não sei se ela ainda é toxicodependente, mas o padrão comportamental ainda está presente - o eu, as minhas necessidades, o meu prazer, o que eu quero fazer. Ela não prioriza a filha, não abdica de coisas dela para dar estabilidade. Ela não abdica de partilhar uma mágoa (...) com a Artemis, por exemplo.” (Dinah);*

*“...podia ser uma mãe que não protegesse, porque ainda não tinha a noção que estava a fazer mal à filha, eu já liguei várias vezes à senhora, já disse várias vezes “olhe, atenção, há coisas que não deve dizer”. Houve uma vez que, por exemplo, ela disse à Artemis que continuava a consumir e a Artemis no dia seguinte veio falar comigo muito triste a dizer que a mãe estava a consumir e eu liguei-lhe “D. Paula, atenção, não pode dizer esse tipo de coisas à Artemis, mesmo que o esteja a fazer”, e ela a negar tudo “olhe que eu não disse nada, Artemis entendeu mal” e era mentira porque tinha adultos a supervisionar a conversa.”(Dinah);*

*“... depois, por exemplo, se ficar numa situação mais complicada, cada vez que muda de emprego diz logo à Artemis e ela sabe que isso perturba a Artemis, se ficar numa situação a nível habitacional também instável, houve aquela altura em que ela esteve sem abrigo, a Artemis estava mesmo no fundo, e nós tivemos também de tentar encontrar soluções. Acho que a mãe faz isso, por outro lado, para tentar que as coisas se apressem, ou seja, ela sabia que se dissesse à Artemis que estava numa situação de sem abrigo que a Artemis ia ficar instável e que, por isso, nós íamos tentar de tudo para que a Artemis ficasse melhor e, por isso, tentar arranjar aqui uma solução, e ela tentava cobrar isto também ...” (Dinah).*

Desenvolvendo a ideia apresentada por Dinah de que a mãe de Artemis apresenta um padrão comportamental de toxicodependente, valera apenas mencionar os resultados do estudo realizado por Matias (2010), com uma amostra de 50 toxicodependentes, no qual, com recurso ao NEO-PI-R, se concluiu o seguinte: toxicodependentes podem ser considerados emocionalmente mais instáveis; são mais envergonhados e tímidos; tendencialmente mais

impulsivos, com dificuldade em resistir às tentações, que se enervam com facilidade, apresentando dificuldade em lidar com a tensão; introvertidos e reservados; emocionalmente limitados; desconfiados e céticos; calculistas e manipuladores, não demonstram os seus sentimentos e escondem, maior parte das vezes, a verdade; tem uma fraca opinião sobre si mesmos; dificuldade em cumprir obrigações, sendo até irresponsáveis. Matias (2010), sugere que a restante bibliografia realizada sobre esta temática evidencia este mesmo perfil de personalidade característico de toxicodependentes. Tendo em conta as características de Paula até então evidenciadas e perceptíveis através da análise, identificam-se semelhanças com este padrão comportamental, que podem afetar a relação mãe-filha, como a instabilidade emocional, que por sua vez desestabiliza também Artemis, a incapacidade de cumprir com obrigações para com a filha, como a permissividade e negligência já mencionadas, a irresponsabilidade, alguma manipulação da verdade e dificuldade em lidar com tensão, como quando é confrontada por Oliver, assim como alguma incapacidade de alterar comportamentos que já lhe foram mencionados como sendo prejudiciais para Artemis.

Proteção, educação, transmissão de regras, modelos comunicacionais, prestação de cuidados que satisfaçam as necessidades físicas e emocionais dos/as filhos/as, são funções das figuras parentais (e.g., Carrilho, 2000). Famílias que sejam disfuncionais, nas quais os pais não assumam estas suas funções, afetam o funcionamento do/a jovem, contribuindo para o desenvolvimento de comportamentos desviantes (e.g., Carrilho, 2000). Mais se acrescenta que adolescentes que se sintam rejeitados ou abandonados pelas figuras parentais, acabam por desenvolver problemas de autoestima e até depressão (e.g., Carrilho, 2000). Verifica-se a incapacidade dos pais de Artemis em assumirem aquelas que eram as suas funções básicas enquanto cuidadores, o que além de, possivelmente, ter contribuído para a iniciação da trajetória desviante de Artemis, pode ter contribuído para que surgissem outras fragilidades na própria estrutura de funcionamento psicológico de Artemis.

Designadamente, devido à instabilidade que são as relações interpessoais de Artemis, e reduzida responsividade emocional da família, coloca-se a possibilidade de que a jovem tenha desenvolvido problemas de autoestima, carência, imaturidade emocional: *“Esta falta de autoestima, esta insegurança de que vamos deixar de gostar dela porque ela comete um erro ou tem um comportamento menos adequado. Ela vive com medo que as pessoas deixem de gostar dela. Trabalhar isto é muito difícil...”* (Dinah); *“ela sente muitas vezes que ninguém gosta dela e pergunta várias vezes "ah gosta de mim não gosta" e lá está, porque precisa um bocadinho desta aprovação por parte dos outros”*; *“... ainda sinto isso, é muita*

*baixa autoestima, sinto que ela de facto tem vindo a trabalhar isso, mesmo através da questão da imagem pessoal e tem investido também bastante nisso, é claro, mas depois há muitas outras coisas em que a Artemis sente, aquilo é como um bloqueio para ela” (Oliver). Dinah reflete que possivelmente a Artemis sente que “Se os próprios pais não a amam incondicionalmente porque é que alguém haverá de amar”.*

Estas questões de falta de autoestima, carência e imaturidade emocional, parecem ter afetado as restantes áreas da vida de Artemis, nomeadamente, as relações interpessoais fora do ambiente familiar, como as relações amorosas: *“O potencial que ela tem para ser uma vítima de violência doméstica, viver numa relação abusiva, (...), é gigante. Gigante, primeiro porque o presenciou e a replicação nós sabemos que é um problema e depois porque ela não se sente assim tão merecedora de melhor...” (Dinah); “... era meu ex-namorado e ele batia-me muito porque fumava e bebia e eu também bebia e fumava, então juntos bêbados e drogados ele batia-me...” (Artemis); “Alguém que estivesse com ela e ficasse com ela, para ela já chega. Ela não precisava de um grande amor” (Oliver).*

Segundo Carter (2009), uma relação figura parental-filho/a de fraca qualidade, pode estar associada com a tendência, dos/as jovens se associarem a pares que experienciam essa mesma vivência, promovendo assim a delinquência. Deste modo, que no que diz respeito à vida escolar, observa-se que, num quadro de elevada permissividade e negligência da parte dos pais, e num contexto familiar disfuncional, altamente desagregado, Artemis tenha procurado construir relações com base em afinidades desviantes, isto é, que se tivesse relacionado preferencialmente com pares cujas condutas eram idênticas às dela. A combinação destes fatores estará, provavelmente, associada ao absentismo escolar *“... simplesmente não ia às aulas porque preferia ficar no campo de futebol a fumar droga, fumar uns cigarros e estar com os meus amigos” (Artemis); “Nessa altura não tinha cabeça, pensava pelos outros” (Artemis)* e, logicamente, ao insucesso académico. Mais tarde, com o ingresso nas instituições, e confrontada com a obrigação de frequentar a escola, Artemis manifesta problemas diversos na relação com o contexto escolar relacionados com a sua reduzida motivação, o seu baixo autoconceito académico, as suas lacunas em termos de aprendizagens essenciais prévias e a falta de segurança na sua capacidade para ter um desempenho satisfatório:

*“Eu lembro-me, inicialmente, quando a Artemis é acolhida (...) a Artemis dizia que não ia frequentar as aulas de forma nenhuma e (...) fomos percebendo pelo discurso (...) que isto era simplesmente porque ela não queria errar perante os outros, isto porque ela não tinha tido as bases suficientes na escola, sentia que não ia conseguir e então o ir e errar perante os outros ia ser muito complicado...” (Oliver).*

Em suma, verifica-se que a trajetória desta jovem não foi impulsionada por um só acontecimento, mas sim por uma constelação de fatores interligados entre si. Note-se, primeiramente, que Oliver e Dinah identificam como motivos para a iniciação da trajetória desviante de Artemis a desregulação familiar, as relações interpessoais instáveis e, ainda, “...alguma convivência e normalização com os próprios comportamentos desviantes, porque esta questão do consumo é perfeitamente aceitável no meio familiar, a questão do tráfico também me parece que era, mesmo esta questão das relações abusivas, é uma normalização de um percurso desviante por parte da família toda” (Dinah).

O facto de o ambiente familiar ser instável, pautado por dificuldades financeiras, por convivência com comportamentos desviantes, por práticas parentais negligentes e permissivas, levou a que a jovem também adotasse comportamentos desviantes, nomeadamente o tráfico de estupefacientes para combater as dificuldades, o consumo de substâncias psicoativas que era normalizado em casa e fora de casa, uma vez que fazia parte das rotinas de Artemis na família e com os pares. Aliou-se a esses pares por se identificar com eles a nível dos comportamentos impróprios exibidos, alinhando numa cultura de grupo que terá reforçado e promovido a manutenção desses mesmos comportamentos. Mesmo retirada do seu ambiente social, com a entrada em Casas de Acolhimento, continuou a encontrar aí, no conjunto das jovens residentes, referências pouco distintas das que eram as suas. A privação de afeto, a chantagem emocional, a inversão de papéis, a dependência emocional da mãe e a exposição às características disfuncionais da relação conjugal dos pais (instável, atravessada por violência e por interesses financeiros), fazem aparecer uma jovem que não sabe distinguir o que é ou não saudável e aceitável numa relação a dois e que, por essa razão, se encontra vulnerável a diversas formas de abuso e em risco de reprodução do estilo de vida parental tanto no que respeita à forma de estar e viver em sociedade como à forma de estar e vivenciar a intimidade em sistemas de relações mais privados.

## Considerações finais

O objetivo principal desta investigação era responder à seguinte questão: *Qual a influência da trajetória e conduta desviante das figuras parentais na gênese da trajetória desviante da filha?* A resposta a esta questão pressupunha, antes de mais, a exploração do objeto de estudo a partir de um conjunto de linhas exploratórias identificadas nas questões específicas de investigação em que a questão principal se decompôs. Faz sentido, por isso, começar por sistematizar os resultados que contribuíram para esclarecer esses aspetos mais particulares inerentes às questões de investigação específicas que orientaram a análise de dados.

Questão de investigação 1.: *Qual a perceção da jovem quanto aos fatores concorrentes para o seu envolvimento em práticas desviantes?*

Através do discurso da jovem e da forma como ela relata os eventos e o modo como os terá experienciado, tornou-se perceptível que ela identifica as dificuldades financeiras pelas quais passou, causadas pelo facto de os pais não trabalharem, como o principal motivo por detrás do tráfico de estupefacientes. Além disso, invoca o facto de ser influenciável, ou nas suas próprias palavras “*não ter cabeça*”, para justificar os seus comportamentos desviantes. Saliente-se, porém, que as respostas encontradas junto da jovem para esta questão de investigação são limitadas e, desde logo, por duas razões fundamentais. Por um lado, no momento atual da sua vida, talvez a jovem não esteja suficientemente capaz de tomar consciência e/ou reconhecer a multifatorialidade da sua desviância a ponto de poder densificar ou complexificar mais a sua narrativa sobre este assunto. Por outro lado, deve-se ainda realçar as contingências da própria recolha de dados no que concerne a Artemis, nomeadamente o facto de se encontrar um pouco desorganizada emocionalmente depois da fuga que ocorreu já em pleno processo de entrevistas e que culminou, mais tarde, na decisão que tomou de desistir de colaborar no estudo impossibilitando, assim, uma abordagem mais extensa e profunda da sua perspetiva subjetiva.

Questão de investigação 2: *Quais as explicações e atribuições que as figuras parentais apresentam em relação à iniciação desviante da filha? Até que ponto reconhecem a sua própria influência na trajetória desviante da filha? Em que medida é que o discurso das figuras parentais está em consonância com o comportamento parental ao qual se tem acesso através das fontes de informação privilegiadas?*

Não tendo sido possível contar com a colaboração do pai de Artemis, apenas se poderá incidir no depoimento da mãe. De acordo com Paula, os comportamentos desviantes da filha começaram depois de ela sair de casa, ou seja, na Casa de Acolhimento e por causa das amizades que aí estabeleceu: foi com elas que iniciou os consumos de estupefacientes e que começou a namorar. Paula nega alguma vez ter feito consumos a par com a filha. Contudo, relativamente ao consumo de substâncias psicoativas, Artemis revelou que ela e a mãe chegaram a consumir estupefacientes (haxixe) juntas (e, às vezes, ainda com os irmãos).

Paula não assume explicitamente qualquer responsabilidade pela trajetória desviante da filha. Ainda que reconheça como um erro seu o facto de ter sido uma mãe permissiva, *“Um bocadinho complicado, eu deixava-a fazer tudo o que ela queria, foi o meu erro”*, procura argumentar no sentido de justificar, com base na irreverência da filha ou outras circunstâncias da vida familiar (e.g., ter os netos a seu cuidado), esse seu modo de agir: *“A gente ralhava com ela, mas não valia a pena ela estava mesmo virada, era muito complicado mesmo, ela dizia “não mandas em mim, eu faço o que eu quiser, os meus irmãos também fazem, eu também faço”, mas eu dizia-lhe a ela “tu és mais pequenina, és mais nova, não tens idade deles” e ela dizia “não quero saber, para mim é tudo igual” e pronto era mais a base disso, das conversas.”* (Paula).

Observou-se, ainda, alguma incongruência entre o discurso da mãe e os comportamentos que as profissionais da instituição descrevem como sendo os dela e que não são considerados benéficos para a filha. Assim, Paula menciona estar envolvida com a instituição para promover o bem-estar da filha; porém, quando lhe foi proposto participar nas reuniões de um grupo de apoio de pais, via internet, arranjou uma desculpa para não participar. Quando Oliver a confronta e pede que não tenha conversas com Artemis que a possam desestabilizar, a mãe manifesta concordância e disposição em mudar, mas mantém o mesmo tipo de comportamento. Constata-se, igualmente, que a mãe apresenta discursos e comportamentos que são contrários ao que se tenta incutir a Artemis na Casa de Acolhimento. Em todo o caso, a mãe refere notar evoluções na filha e sentir que é bom para ela estar na Casa de Acolhimento. Conclui-se, portanto, que Paula parece ter alguma consciência de que a sua conduta enquanto mulher e mãe terão sido algo prejudiciais para o percurso de Artemis, mas não assume responsabilidade pela iniciação desviante da filha e, acima de tudo, parece, tanto na atualidade como no passado, não ser capaz de perceber que os seus comportamentos são potencialmente danosos e geradores de mal-estar na filha e podem ser contraproducentes no que se refere à reabilitação e reintegração social daquela.

Questão de investigação 3.: *Que outras figuras e/ou fatores, individuais, ligados à família e/ou a outros contextos e acontecimentos de vida, podem ter contribuído para a iniciação e/ou prosseguimento dessa trajetória desviante?*

Tendo em conta os acontecimentos e fatores mapeados no Diagrama (cf. Figura 2), fica bem visível que a negligência, a permissividade, a falta de afeto e os comportamentos desviantes dos pais terão sido os principais impulsionadores da trajetória desviante da jovem, ajudando também a compreender o perfil psicológico de Artemis: uma jovem com baixo autocontrolo, baixa tolerância à frustração, impulsiva/reactiva e afetivamente frágil e vulnerável. A escolha do grupo de pares, realizada com base em critérios de semelhança comportamental, terá facilitado a manutenção da conduta desviante da jovem e promovido o seu desinvestimento escolar. As vivências e práticas ocorridas dentro e fora da família, terão motivado a entrada numa instituição e o afastamento daqueles que, não sendo os melhores exemplos para si, lhe eram emocionalmente significativos. Neste novo contexto, onde o afeto dos/as profissionais tem de ser dividido por muitos/as jovens que, sob vários aspetos são também “iguais” a si mesma, junto com a instrumentalização que a mãe faz da relação e da sobrecarga emocional que coloca sobre ela, não podem deixar de ser considerados elementos-chave na compreensão das dificuldades de adaptação da jovem às Casas de Acolhimento, podendo as suas fugas ser vistas como as manifestações “possíveis” de desviância no ambiente forçosamente mais estruturado e controlado das instituições.

Questão de investigação 4: *Que figuras e/ou fatores, individuais, ligados à família e/ou a outros contextos e acontecimentos de vida, parecem apresentar-se, atualmente, como relevantes na maximização da probabilidade de sucesso da reabilitação psicossocial da jovem?*

Segundo as profissionais da Casa de Acolhimento, o caso de Artemis é, presente-mente, um caso de prognóstico positivo, sendo identificados pelas mesmas os seguintes fatores como protetores ou potenciadores da reversão da sua trajetória desviante: as relações interpessoais que Artemis tem com a mãe e irmã, “... mesmo com todos estes altos e baixos, perceciona a relação afetuosa com a mãe e com a irmã mais velha como genuína e como alguém que goste dela, portanto não se sente completamente sozinha e abandonada (...) no meio da loucura toda há referencias positivas afetuosas na família, se não ela também não era capaz de reproduzir isso com os adultos de referência, com os cuidadores em geral...” (Dinah); a capacidade cognitiva e recetividade para adquirir novas referencias de moralidade, “Fator de proteção é o facto de ela não ter nenhuma dificuldade cognitiva, nem por

outro lado uma rigidez de pensamento que nos impeça de criar novas referências, ela é permeável e aceita bem novas referências de justiça, de moralidade...” (Dinah); capacidade de perceber e admitir o erro, pedindo desculpa pelo mesmo, “*Reconhece os erros com facilidade, não tem vergonha.*” (Dinah); consciência dos próprios limites emocionais (e.g., desistência da participação na investigação; não abordar determinados temas) e comportamentais, como a impulsividade que se esforça para tentar regular mesmo que através de controles que, para já, ainda são externos:

*“... a Artemis neste momento se tiver de ficar algum tempo sozinha, por exemplo, chegou a acontecer aqui a situação da fisioterapia<sup>13</sup> porque íamos levá-la e buscá-la e ela pediu para que isso não acontecesse mais, no sentido de que tinha medo de que quando estava lá fora, apesar de ter regressado pelo próprio pé, de ter algum impulso e fugir. A semana passada pode estar algum tempo com a mãe pelo Porto e ela estava aterrorizada com a ideia de que nós podíamos chegar um bocadinho depois de a mãe já ter partido de autocarro e o que é que ela ia fazer nesse tempo, então ligava para aqui muitas vezes “você têm de chegar rápido”, porque ela própria se está a tentar proteger dos próprios impulsos” (Oliver).*

Além dos fatores mencionados por Oliver e Dinah, foi possível perceber que a jovem tem vontade de mudar “*...eu decidi fazer a minha vida, decidi não ligar mais a essas coisas e decidi mentalizar-me na minha cabeça que agora o que me interessa sou eu e a minha vida, não é agora os meus pais*” (Artemis), algo corroborado por Oliver. Tem, também, bastantes objetivos e planos para o futuro (e.g., tirar um curso profissional, trabalhar na área da restauração, tirar a carta, ter uma casa própria), futuro esse que sabe ser mais fácil de alcançar se continuar na Casa de Acolhimento. Com efeito, o facto de se encontrar numa Casa de Acolhimento e as relações positivas e de confiança que tem com os/as profissionais, nomeadamente com Oliver e Dinah, funcionam como um outro fator que pode ser fundamental, protegendo-a, direta e indiretamente, de (re)incursões desviantes. Destaca-se, igualmente, o facto de a jovem ser generosa, empática, compreensiva, educada e respeitadora, características que, se devidamente trabalhadas no processo de promoção do seu desenvolvimento moral e interpessoal, podem facilitar o estabelecimento de relações interpessoais de confiança, no futuro, bem como adoção de comportamentos sociais positivos. Apesar de se destacar um prognóstico positivo deste caso, importa ressaltar que este não é linear, ou seja, existem fatores que podem vir a desfavorecer a evolução positiva de Artemis. Nomeadamente, a sua impulsividade (que pode levar a mais fugas da instituição), a dependência emocional e instabilidade da mãe, que não lhe tem permitido, até então, adotar comportamentos

---

13 Durante um incidente na Casa de Acolhimento, a jovem partiu o pé, necessitando de fisioterapia para recuperar.

benéficos para relação mãe-filha, e eventualmente, o possível retorno à sua residência de origem, local onde Artemis tem contacto com indivíduos desviantes.

Retomando aquela que é a questão central da investigação: *Qual a influência da trajetória e conduta desviante das figuras parentais na gênese da trajetória desviante da filha?* Segundo a literatura, jovens como Artemis, cujos pais apresentam práticas desviantes, apresentam maior risco de adotar esses mesmos comportamentos (e.g., Besemer, 2012; Farrington, 2011; Van de Rakt, 2011). O processo da transmissão intergeracional da criminalidade explica que existe uma continuidade de um padrão de comportamento através das gerações, este processo caracteriza-se pela transferência, de pais para os/as filhos/as, de capacidades, características e comportamentos individuais (e.g., Thornberry, 2009, Lochner, 2008). Farrington (2011) descreveu seis mecanismos explicativos deste processo, nomeadamente a exposição intergeracional a múltiplos fatores de risco; mediação através de fatores de riscos ambientais; acasalamento preferencial; influência mútua e direta dos elementos da família; mecanismos genéticos e enviesamento por parte de instituições oficiais. Tendo em conta o caso em estudo, os mecanismos que melhor parecem explicar o processo de transmissão intergeracional da desviância de Artemis são a exposição intergeracional a múltiplos fatores de risco, a mediação através de fatores de risco ambientais e a influência mútua e direta dos elementos da família.

Relativamente ao primeiro mecanismo, Farrington (2011) descreve que o comportamento desviante é apenas um elemento de uma síndrome de comportamento antissocial muito maior e que, tendencialmente, pessoas que cometem infrações apresentam problemas em outras áreas das suas vidas, como abuso de substâncias psicoativas, consumo exacerbado de álcool, situação residencial instável, deste modo, o processo de transmissão ocorre através da continuidade de uma constelação de características antissociais. Por sua vez, o segundo mecanismo, também ele relacionado com os fatores de risco, assume que a criminalidade parental atua como um fator mediador que, por sua vez, causa o comportamento criminal da jovem. Ou seja, a criminalidade parental gera fatores como pobreza, fracas práticas parentais, entre outras, e são estes fatores (mediadores) que podem estar na origem do comportamento desviante da jovem (Farrington, 2011).

A influência mútua e direta dos elementos da família diz respeito à aprendizagem social, isto é, os pais ensinam aos/às filhos/as como cometer crimes, podendo cometer, por vezes, juntos (Farrington, 2011). Bandura (1977) propõe que as crianças aprendem através da observação e imitação dos modelos aos quais tem acesso. Os pais não precisam de apoiar

este comportamento, podem desaprovar e recriminar, contudo, isso não significa que os jovens não vão, ainda assim, imitar o comportamento dos pais (Besemer, 2012)

A trajetória desviante e de vida da jovem acaba por constituir uma cadeia de acontecimentos e fatores que levam a outros, que, por sua vez, estão ligados aos acontecimentos e fatores iniciais. A gênese e os desenvolvimentos da trajetória desviante de Artemis, são comparáveis com esta tríade de mecanismos explicativos proposta por Farrington (2011) parecendo evidente que os principais precursores da desviância desta jovem se localizam no seio familiar.

Com efeito, não faltam evidências de que a desviância destes pais se constituiu como um disparador decisivo da desviância de Artemis (e, provavelmente, nas dos irmãos mais velhos que, de igual modo, também poderão ter-se tornado referências de desviância para a jovem): seja através da normalização da desviância, da instabilidade e disfuncionalidade que introduziram no sistema conjugal, do mal-estar financeiro e emocional a que a família ficou sujeita e pelo impacto que terão tido na qualidade do exercício do papel parental, a nível da prestação de cuidados e/ou da tarefa educativa, a ponto de obrigar à retirada de Artemis da tutela parental.

Todavia, não é possível assumir que este seja o único fator influente tendo em conta que, tal como se acaba de ver, dele derivam ramificações várias que remetem para um conjunto de variáveis cujo real impacto na trajetória de Artemis não pode ser avaliado em termos de magnitude ou de *locus* causal. Esse não era o objetivo do presente estudo e, como tal, o plano de investigação adotado não permitiria fazer esse tipo de inferências ou interpretação.

Importa, também, referir que as características desta família levaram a que tivesse sido particularmente difícil aceder a informação mais detalhada através de interlocutores que poderiam ter trazido outras perspetivas ou enriquecido a visão do caso como o pai de Artemis (a quem não se conseguiu ter acesso) e a irmã (que não aceitou participar). Além disto, a fuga e, posteriormente, a desistência da jovem, interferiram significativamente e obstaram a que a recolha de dados tivesse sido realizada de forma mais ampla, tal como estava planeado.

Por causa da dificuldade de acesso à população e do tempo reduzido que ficou disponível para recolha de dados, mas, sobretudo, devido à condição psicológica dos/as participantes (especialmente, da mãe e da filha), também não se mostrou oportuno explorar mais informação retrospectiva. Tal pode ser visto como uma limitação da investigação na medida em que, segundo Cairns et al., (1998 citado em Auty et al., 2017), o estudo do processo de

transmissão intergeracional da criminalidade, foca o comportamento passado dos pais, de modo averiguar a continuidade do comportamento na mesma fase desenvolvimental que a figura parental. A realização de estudos longitudinais, envolvendo uma monitorização regular dos acontecimentos, experiências e narrativas intrafamiliares ao longo de pelo menos duas gerações, talvez possa, no entanto, responder melhor a esta necessidade.

De igual modo, a presente investigação tinha o intuito de contribuir para a caracterização da delinquência no que seriam as idiosincrasias da sua expressão no feminino. Admite-se que, tirando o esforço de sistematização da literatura em torno desse tópico, esse possa ter sido um contributo muito modesto na medida em que, metodologicamente, não foi contemplada a comparação com um caso de perfil diverso quanto ao género. O recurso a casos contrastantes quanto ao género poderá ser, no entanto, uma pista para a investigação futura.

Em contrapartida, a metodologia de análise de dados utilizada, não obedecendo estritamente a nenhuma técnica de análise estruturada, permitiu que este estudo inovasse através da sumarização gráfica da informação obtida, com a qual se procurou realçar e valorizar as características e singularidades internas do próprio caso analisando-as holisticamente.

Por outro lado, o presente estudo propôs-se a abordar uma temática que apenas recentemente tem vindo a ganhar maior destaque na investigação internacional e, ainda mais raramente, em Portugal, pelo que terá tido o mérito de explorar o fenómeno da delinquência juvenil e dos mecanismos de transmissão intergeracional por via de uma metodologia de estudo de caso.

Ainda que este seja um estudo de caso único e, por isso, esteja longe de poder contribuir para um entendimento cabal do papel da família na configuração do risco de delinquência, o presente estudo pode ser um ponto de partida para investigações futuras que, mergulhando nas histórias de outros casos de delinquência, possam ajudar a descodificar as suas idiosincrasias e a definir pistas para intervenções de pendor social ou psicossocial que visem a redução desse risco, nomeadamente, o da reprodução transgeracional de comportamentos delinquentes.

Assim, com base nos resultados, sugere-se, por exemplo, a realização de intervenção psicossocial nas escolas, com jovens em risco, isto para que se possa estancar, o mais precocemente possível, o encadeamento de fatores de risco. Não se pretende que a escola se substitua à família enquanto agente primário de socialização, mas que, em situações em que

a família não esteja capaz de cumprir o seu mandato educativo, o ambiente escolar possa, intencionalmente, proporcionar a estes jovens experiências de contraponto.

Para rematar relembra-se o provérbio enunciado na introdução da investigação, “The apple doesn’t fall far from the tree”. Efetivamente, Artemis apresenta comportamentos semelhantes aos dos seus pais, contudo a jovem não é os seus pais. Por isso, este trabalho pretende também homenagear Artemis. Ao dar-se a conhecer no que de adverso marcou a sua vida, e ao projetar-se no futuro, confiando na possibilidade de mudar um destino que a sua história parecia tornar inelutável, esta jovem é já, só por isso, um exemplo de superação.

## Referencias bibliográficas

- Agra, C. & Matos, A. (1997). *Trajetórias Desviantes*. (11º Ed). Lisboa: GPCCD/Ministério da Justiça.
- Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. (1ª ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Auty, K. M., Farrington, D. P., & Coid, J. W. (2017). The intergenerational transmission of criminal offending: Exploring gender-specific mechanisms. *British Journal of Criminology*, 57(1), 215-237. <https://doi.org/10.1093/bjc/azv115>
- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. General Learning Press.
- Beaver, K. M. (2013). The familial concentration and transmission of crime. *Criminal Justice and Behavior*, 40(2), 139-155. <https://doi.org/10.1177/0093854812449405>
- Besemer, S. (2012). *Intergenerational transmission of criminal and violent behaviour* [Tese de doutoramento, Universidade de Cambridge]. Open access Publishing in European Networks. <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/47180>
- Besemer, S., Farrington, D. P., & Bijleveld, C. C. (2017). Labeling and intergenerational transmission of crime: The interaction between criminal justice intervention and a convicted parent. *PloS one*, 12(3). <https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0172419>
- Bijleveld, C. C., & Farrington, D. P. (2009). The importance of studies of intergenerational transmission of antisocial behaviour. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 19: 77-79. <https://heinonline.org/HOL/P?h=hein.journals/cbmh19&i=77>
- Bijleveld, H., & Wijkman, M. (2009). Intergenerational continuity in convictions: A five-generation study. *Criminal behaviour and mental health*, 19(2): 142-155. <https://doi.org/10.1002/cbm.714>
- Bloom, B. E., & Covington, S. (2001). Effective gender-responsive interventions in juvenile justice: Addressing the lives of delinquent girls. *In annual meeting of the American Society of Criminology, Atlanta, GA*.

- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1994). *Investigação qualitativa: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Braga, T., Gonçalves, L. C., Basto-Pereira, M., & Maia, A. (2017). Unraveling the link between maltreatment and juvenile antisocial behavior: A meta-analysis of prospective longitudinal studies. *Aggression and violent behavior*, 33, 37-50. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.006>
- Brandão, F. R. M., & Chalhub, A. (2009). A repercussão da morte de um filho na organização e estrutura familiar: uma revisão de literatura. *Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário Jorge Amado*. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0184.pdf>
- Burman, M. J., Batchelor, S. A., & Brown, J. A. (2001). Researching girls and violence. Facing the Dilemmas of Fieldwork. *The British journal of criminology*, 41(3), 443-459. <https://doi.org/10.1093/bjc/41.3.443>
- Carter, K. E. (2009). The Relationship Between Delinquent Behavior, Adolescent-Parent Relationships, and Intergenerational Cycles of Crime. [Dissertação de Mestrado]. W&M Scholar Works. <https://scholarworks.wm.edu/honorstheses/335/?mode=full>
- Carvalho, M. J. L. (2017). Género, Delinquência e Justiça Juvenil. *Justiça Juvenil*, 91-126. Repositório Universidade Nova. <http://hdl.handle.net/10362/46492>
- Chesney-Lind, M. & Shelden, R. G. (2014). *Girls, Delinquency, and Juvenile Justice*. (4ª Ed.). Wiley Blackwell.
- Clarke, V. and Braun, V. (2013) *Successful qualitative research: A practical guide for beginners*. Sage.
- Coimbra, J. L. (1990). Desenvolvimento interpessoal e moral. *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens. Vol. 2*. Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/92684/2/84910.pdf>
- Costa, J. (2016). *Delinquência Juvenil no Feminino: um olhar através da Reinserção Social*. [Projeto de Graduação Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/5631>
- Craig, J. M., Malvaso, C., & Farrington, D. P. (2021). All in the Family? Exploring the Intergenerational Transmission of Exposure to Adverse Childhood Experiences and Their Effect on

Offending Behavior. *Youth Violence and Juvenile Justice*, 19(3), 292-307.  
<https://doi.org/10.1177/15412040211003648>

Cunha, C., Soares, M., Veríssimo, L., & Matos, R. (2015). Família, pares e delinquência juvenil: Análise de diferentes percursos de reincidência. *Revista de Psicologia*, 24(2), 1-18.  
10.5354/0719-0581.2015.38134

Decreto-Lei nº 166/99 – Diário da República n.º 215/1999, Série I-A de 14 de setembro de 1999.  
<https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/66647977/202102271724/66634045/diploma/indice?q=Lei+tutelar+educativa>

Decreto-Lei nº 169/99 – Diário da República, I Série – A, n.º 215 – 14 de setembro de 1999.  
[https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34539875/diploma?consolidacao-Tag=Fam%C3%ADlia+e+Menores&\\_LegislacaoConsolidada\\_WAR\\_drefrontofficepor-tlet\\_rp=diploma](https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/34539875/diploma?consolidacao-Tag=Fam%C3%ADlia+e+Menores&_LegislacaoConsolidada_WAR_drefrontofficepor-tlet_rp=diploma)

Decreto-Lei nº 401/82 – Diário da República n.º 221/1982, 1º Suplemento, Série I – 23 de setembro de 1982. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/319742/details/normal?jp=true%2Fen>

Dell'Aglio, D. D., Santos, S. S., & Borges, J. L. (2004). Infração juvenil feminina: uma trajetória de abandonos. *Interação em psicologia*, 8(2), 191-198. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v8i2.3255>

Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(Num. Esp.), 202-219.  
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/R498b6yF3wnG7ps8ndBFKb/?format=pdf&lang=pt>

Direção Geral de Reinserção e Serviços Prisionais. (2020). Estatística Mensal. Centros Educativos. Setembro 2020. [https://dgrsp.justica.gov.pt/Portals/16/Est%C3%A1tisticas/Centros%20Educativos/ce\\_09-2020.pdf?ver=2020-10-30-091056-430](https://dgrsp.justica.gov.pt/Portals/16/Est%C3%A1tisticas/Centros%20Educativos/ce_09-2020.pdf?ver=2020-10-30-091056-430)

Duarte, V. (2012). Contextos, discursos e percursos na delinquência juvenil feminina. *Configurações. Revista de sociologia*, (9), 121-133. <https://doi.org/10.4000/configuracoes.1148>

Duarte, V. (2015). Delinquência juvenil feminina a várias vozes: contributos para a construção de uma tipologia de percursos transgressivos. *Sociologia, Problemas e Práticas*, (78), 49-66.  
<https://journals.openedition.org/spp/1953>

Duarte, V. M. S. (2011). *Os caminhos de Alice do outro lado do espelho: Discursos e percursos na delinquência juvenil feminina*. [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. Repositório UM: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/19785>

- Duarte, V., & Cunha, M. I. (2014), *Violências e Delinquências Juvenis Femininas: Género e (In)Visibilidades Sociais*, Famalicão, Editora Húmus. [https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/567/1/2014DuarteCunha\\_L.pdf](https://repositorio.ismai.pt/bitstream/10400.24/567/1/2014DuarteCunha_L.pdf)
- Farrington D.P. (2011). *Families and crime*. In: Wilson J.Q. & Petersilia J. (eds) *Crime and Public Policy*. New York: Oxford University Press, 130–157.
- Farrington, D. P., & Welsh, B. C. (2008). *Saving children from a life of crime: Early risk factors and effective interventions*. Oxford University Press.
- Farrington, D. P., Coid, J. W., & Murray, J. (2009). Family factors in the intergenerational transmission of offending. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 19(2), 109-124. <https://doi.org/10.1002/cbm.717>
- Farrington, D. P., Jolliffe, D., Loeber, R., Stouthamer-Loeber, M., & Kalb, L. M. (2001). The concentration of offenders in families, and family criminality in the prediction of boys' delinquency. *Journal of adolescence*, 24(5), 579-596. <https://doi.org/10.1006/jado.2001.0424>
- Farrington, D., Loeber, R., & Ttofi, M. (2012). Risk and protective factors for offending. In Welsh, B. C. & Farrington, D. P. (Eds.), *The Oxford handbook of crime prevention* (pp. 46-69). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Fernandes, I. A. S. (2012). *Delinquência juvenil: vinculação aos pais e educação parental*. [Dissertação de Mestrado Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto]. Repositório aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67765/2/30301.pdf>
- Frisell, T., Lichtenstein, P., & Långström, N. (2011). Violent crime runs in families: A total population study of 12.5 million individuals. *Psychological Medicine*, 41(1), 97-105. doi:10.1017/S0033291710000462
- Garrido, E. A. C. B. (2012). *O desenvolvimento e significação de trajetórias desviantes*. [Dissertação de mestrado Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto]. Repositório aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/72920/2/30083.pdf>
- Gilgun, J. F. (2005). Qualitative Research and Family Psychology. *Journal of Family Psychology*, 19(1), 40–50. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.19.1.40>

- Godoy, A. S. (1995). Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de empresas*, 35(3), 20-29. <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>
- Goodwin, V., & Davis, B. (2011). Crime families: Gender and the intergenerational transfer of criminal tendencies. *Trends and issues in crime and criminal justice*, (414), 1-6. <https://search.informit.org/doi/10.3316/agispt.20114322>
- Hazlett-Knudsen, R. (2012). *Direct And Indirect Controls as Measures Of Attachment: Gender, Delinquency, And The Parental Social Bond*. [Tese de Doutorado, Universidade da Flórida Central]. STARS. <https://stars.library.ucf.edu/etd/2453/>
- Lochner, L. (2008). Intergenerational transmission. *The New Palgrave Dictionary of Economics* (2<sup>a</sup> Ed.). [https://economics.uwo.ca/people/lochner\\_docs/intergenerationaltransmission.pdf](https://economics.uwo.ca/people/lochner_docs/intergenerationaltransmission.pdf)
- Loper, A. B. (1999). Female juvenile delinquency: Risk factors and promising interventions. *Juvenile justice fact sheet*, 1-6. <https://www.ojp.gov/pdffiles1/183499.pdf>
- Lopez, V., Katsulis, Y., & Robillard, A. (2009). Drug use with parents as a relational strategy for incarcerated female adolescents. *Family relations*, 58(2), 135-147. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2008.00542.x>
- Lower, S. M. (2014). *Controlling juvenile behaviour: An Empirical Test of Hirschi's Attachment and Involvement*. [Honors Thesis, East Tennessee State University]. <https://dc.etsu.edu/honors/220/>
- Luzes, C. A. (2010). *Um olhar psicológico sobre a delinquência*. O Portal dos Psicólogos. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0520.pdf>
- Magalhães, F. M., & Pereira, M. L. (2018). Regulamento Geral de Proteção de Dados. *Manual Prático. VidaEconomia, Porto, PT*.
- Magalhães, T. (2010). *Abuso de Crianças e Jovens: da suspeita ao diagnóstico*. Lidel Edições. Porto.
- Manita, C. (2001). Evolução das significações em trajetórias de droga-crime (II): Novos sentidos para a intervenção psicológica com toxicodependentes? *Toxicodependências*, 7 (3), 59-72. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/6882>

- McKeganey, N., Barnard, M., & McIntosh, J. (2002). Paying the Price for their Parents' Addiction: meeting the needs of the children of drug-using parents. *Drugs: Education, Prevention & Policy*, 9(3), 233–246. <https://doi.org/10.1080/09687630210122508>
- Minayo, M. C. S., & Costa, A. P. (2018). Fundamentos teóricos das técnicas de investigação qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, 40(40), 139-153. <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/6439>
- Moitra, T., & Mukherjee, I. (2012). Does parenting behavior impact delinquency? A comparative study of delinquents and non-delinquents. *International Journal of Criminal Justice Sciences*, 5(2), 274-285. <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.676.4229&rep=rep1&type=pdf>
- Moreira, S. F. F. (2013). *A relação entre a ausência de suporte afetivo e a delinquência*. [Projeto de graduação, Universidade Fernando Pessoa] Repositório Fernando Pessoa: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/3938>
- Mota, C. P., & Matos, P. M. (2008). Adolescência e institucionalização numa perspectiva de vinculação. *Psicologia & Sociedade*, 20(3), 367-377. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000300007>
- Oliveira, M., & Sani, A. I. (2009). A intergeracionalidade da violência nas relações de namoro. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais*, 6 (2009), 162-170. <http://hdl.handle.net/10284/1325>
- Oliveira, R. L. V. (2009). *Na origem do mau-trato: Estudo exploratório sobre a transmissão intergeracional de tipologias de maus-tratos à criança*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Psicologia Adaptado]. <https://core.ac.uk/download/pdf/70654539.pdf>
- Pais, M. F. X. (2012). *Delinquência juvenil: As consequências da ausência de vínculos familiares na adoção de comportamentos desviantes*. [Monografia pra obtenção do grau de Licenciado em Criminologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa. <http://hdl.handle.net/10284/3362>
- Pearson, M. L., Albon, S. P., Hubball, H. (2015). Case study methodology: Flexibility, rigour, and ethical considerations for the scholarship of teaching and learning. *Canadian Journal for the Scholarship of Teaching and Learning*, 6(3), 12. <https://eric.ed.gov/?id=EJ1084596>

- Pinto, A. C. B. (2017). Delinquência juvenil feminina: feminilidades e experiências desviantes. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto] Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/108532>
- Sampaio, M. B. G. (2011). *O Outro Lado da Vida-Delinquência Juvenil e Justiça*. [Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar]. Repositório Aberto Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/23796/2/FIM%20%20entrega%203%2005.pdf>
- Sanches, C., & Gouveia-Pereira, M. (2010). Julgamentos de justiça em contexto escolar e comportamentos desviantes na adolescência. *Análise psicológica*, 28(1), 71-84. <https://doi.org/10.14417/ap.253>
- Savignac, J. (2009). *Families, youth and delinquency: the state of knowledge, and family-based juvenile delinquency prevention programs*. National Crime Prevention Centre (NCPC)
- Schenker, M., & Minayo, M. C. S. (2003). A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(1), 707-717. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232003000100022>
- Serbin, L. A. & Karp, J. (2004), The Intergenerational Transfer of Psychosocial Risk: Mediators of Vulnerability and Resilience. *Annual Review of Psychology*, 55: 333–63. <https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev.psych.54.101601.145228>
- Simões, C., & Matos, M. G. (2008). Juvenile Delinquency: Analysis of Risk and Protective Factors Using Quantitative and Qualitative Methods. *Cognitie, Creier, Comportament/Cognition, Brain, Behavior*, 12(4), 389–408. [https://www.researchgate.net/profile/Margarida-Matos-2/publication/233382167\\_Juvenile\\_delinquency\\_Analysis\\_of\\_risk\\_and\\_protective\\_factors\\_using\\_quantitative\\_and\\_qualitative\\_methods/links/59637999aca2728c11205194/Juvenile-delinquency-Analysis-of-risk-and-protective-factors-using-quantitative-and-qualitative-methods.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Margarida-Matos-2/publication/233382167_Juvenile_delinquency_Analysis_of_risk_and_protective_factors_using_quantitative_and_qualitative_methods/links/59637999aca2728c11205194/Juvenile-delinquency-Analysis-of-risk-and-protective-factors-using-quantitative-and-qualitative-methods.pdf)
- Sistema de Segurança Interna. (2020). Relatório Anual de Segurança Interna 2019. Gabinete do Secretário Geral. <https://www.portugal.gov.pt/download-ficheiros/ficheiro.aspx?v=%3d%3dBQAAAB%2bLCAAAAAAABAAzNDA0sAAAQJ%2bleAUAA%3d>
- Small, S. A., Reynolds, A. J., O'Connor, C., & Cooney, S. M. (2005). What works, Wisconsin: What science tells us about cost-effective programs for juvenile delinquency prevention.

Madison, WI: University of Wisconsin–Madison. <https://www.ojp.gov/ncjrs/virtual-library/abstracts/what-works-wisconsin-what-science-tells-us-about-cost-effective>

Suchman, N. E., McMahon, T. J., Slade, A., & Luthar, S. S. (2005). How early bonding, depression, illicit drug use, and perceived support work together to influence drug-dependent mothers' caregiving. *American Journal of Orthopsychiatry*, 75, 431 – 445. <https://doi.org/10.1037/0002-9432.75.3.431>

Thornberry, T. (2005). Explaining multiple patterns of offending across the life course and across generations. *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science*, 602(1): 156-195. <https://doi.org/10.1177/0002716205280641>

Thornberry, T. P., Freeman-Gallant, A., & Lovegrove, P. J. (2009). Intergenerational linkages in antisocial behaviour. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 19(2), 80-93. <https://doi.org/10.1002/cbm.709>

Thornberry, T. P., Freeman-Gallant, A., Lizotte, A. J., Krohn, M. D., & Smith, C. A. (2003). Linked lives: The intergenerational transmission of antisocial behavior. *Journal of abnormal child psychology*, 31(2), 171-184. <https://doi.org/10.1023/A:1022574208366>

Thornberry, T.P. (2009). The apple doesn't fall far from the tree (or does it?): Intergenerational patterns of antisocial behavior - the American Society of Criminology 2008 *Sutherland Address*. *Criminology*, 47(2): 297-325. <https://doi.org/10.1111/j.1745-9125.2009.00153.x>

Tzoumakis, S., Burton, M., Carr, V. J., Dean, K., Laurens, K. R., & Green, M. J. (2019). *The intergenerational transmission of criminal offending behaviours*. [Report to the Criminology Research Council - Grant: CRG 19/14-15]. Criminology Research Council, Australia. <https://eprints.qut.edu.au/127298/1/tzoumakis19-1415-FinalReport.pdf>

Tzoumakis, S., Lussier, P., & Corrado, R. (2012). Female juvenile delinquency, motherhood, and the intergenerational transmission of aggression and antisocial behavior. *Behavioral Sciences & the Law*, 30(2), 211-237. <https://doi.org/10.1002/bsl.2010>

Van de Rakt, M. G. (2011). *Two generations of crime: the intergenerational transmission of criminal convictions over the life course*. Ipskamp Drukkers Nijmegen. <https://repository.ubn.ru.nl/bitstream/handle/2066/83192/83192.pdf>

- Van de Rakt, M., Nieuwbeerta, P., & Apel, R. (2009). Association of criminal convictions between family members: Effects of siblings, fathers and mothers. *Criminal Behaviour and Mental Health*, 19(2), 94-108. <https://doi.org/10.1002/cbm.715>
- Van de Weijer, S., Augustyn, M. B., & Besemer, S. (2017). Intergenerational transmission of crime: An international, empirical assessment. *The Routledge international handbook of life-course criminology*, 279-297, Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315747996>
- Vicente, A. F. A. (2009). *Vivências vitimárias: seus significados e sentidos*. [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação Universidade do Porto]. Repositório Aberto Universidade do Porto. <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/80567/2/30246.pdf>
- Wasserman, G. A., Keenan, K., Tremblay, R. E., Coie, J., Herrenkohl, T. I., Loeber, R., & Petechuk, D. (2003). Risk and protective factors of child delinquency. In *Child Delinquency Bulletin Series Washington DC: Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention*. <https://eric.ed.gov/?id=ED478999>
- Weisman, G. & Vietti, B. (Executive Producers). (2010–Present). *Young Justice* [TV series]. Warner Bros; HBO Max.
- Yin, R. K., & De Caso, E. (2001). *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. (2ª ed.) Trad. Daniel Grassi. Porto Alegre: Bookman.
- Zahn, M. A., Agnew, R., Fishbein, D., Miller, S., Winn, D., Dakoff, G., Kruttschnitt, C., Giordano, P., Gottfredson, D. C., Payne, A. A., Feld, B. C., Chesney-Lind, M. (2010). Causes and correlates of girls' delinquency. *Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention. US Department of Justice. Washington, DC*. <https://www.ojp.gov/ncjrs/virtual-library/abstracts/causes-and-correlates-girls-delinquency>
- Zappe, J. G., & Dias, A. C. G. (2012). Violência e fragilidades nas relações familiares: refletindo sobre a situação de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 17(3), 389-395. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300006>

## **Anexos**

## **Anexo 1. Entrevista semiestruturada para recolha de dados autobiográficos do Biograma**

Construído com base na grelha de recolha de dados hétero e autobiográficos de Agra & Matos (1998) e Garrido (2012), utilizada com jovens com trajetórias desviantes

### **Parte I - Identificação**

#### **Identificação:**

Código de Identificação: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_

Género: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Nacionalidade: \_\_\_\_\_ Naturalidade: \_\_\_\_\_

Freguesia de residência: \_\_\_\_\_ Urbano/ Rural: \_\_\_\_\_

NSE: \_\_\_\_\_

Agregado:

Pais: \_\_\_\_\_

Outros: \_\_\_\_\_

Casa de Acolhimento:

Idade de entrada na CA: \_\_\_\_\_

Motivo: \_\_\_\_\_

#### **Interesses:**

Ler:

O que gosta/gostava de ler? \_\_\_\_\_

Música:

O que gosta de ouvir? \_\_\_\_\_

Séries e filmes:

O que gosta de ver? \_\_\_\_\_

Animais de estimação:

\_\_\_\_\_

Comida favorita:

\_\_\_\_\_

Cor favorita:

\_\_\_\_\_

### **Tempos Livres:**

Desporto:

Idade: \_\_\_\_\_ Modalidade: \_\_\_\_\_ Equipa: \_\_\_\_\_

Trabalho:

Idade: \_\_\_\_\_ O que? \_\_\_\_\_

Projeto comunitário:

Idade: \_\_\_\_\_ Envolvimento? \_\_\_\_\_

Ficar pela zona:

Idade: \_\_\_\_\_ Motivo: \_\_\_\_\_

Sair à noite:

Idade: \_\_\_\_\_ Discoteca: \_\_\_\_\_ Casa de amigos: \_\_\_\_\_

Centro Comercial:

Idade: \_\_\_\_\_ Motivo: \_\_\_\_\_

Estar com os amigos:

Idade: \_\_\_\_\_ Motivo: \_\_\_\_\_

## Parte II – Contextos de Vida

**Meio/NSE:**

Zona problemática?

---

Tipo de habitação:

---

RSI / Baixos Rendimentos:

---

Tipo de dificuldades:

---

Emprego/pais:

Profissão:

---

Rendimentos:

---

Desemprego/pais:

Quem?

---

Motivo:

---

Zona de Crime:

---

Atividade generalizada:

---

Quem trafica?

---

Sente-se integrada?

---

O que mais gosta?

---

Mudar de residência:

Positivo/Negativo

Motivo:

---

Faltaram-me coisas?

O quê?

---

Porquê?

---

**Escola :**

Faltar aulas:

Idade:

---

Gradual?

---

Motivo:

---

Ter imagem negativa na escola:

Idade: \_\_\_\_\_

O que diziam de ti?

---

Dificuldades de adaptação:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo:

---

Aproveitamento / retenção:

Quantas vezes: \_\_\_\_\_

Motivo:

---

Expulsão:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo:

---

Boa relação com a escola, nomeadamente sentir-se inserida e estar motivada:

---

Problemas comportamentais:

Idade: \_\_\_\_\_

Descrição:

---

Queixa / sinalização:

Devido ao comportamento ou devido ao absentismo:

---

Abandono escolar:

Por sentir-se mais velho, perder o interesse ou ter outros interesses:

---

Mudar de escola / curso:

Por mudança de residência, medida de proteção ou outro motivo:

---

Problemas na Pré-escola:

Sim / Não

Problemas de comportamento:

---

Agressão / ameaça:

Idade: \_\_\_\_\_

Queixa :

\_\_\_\_\_

Grupo desviante:

Grupo do bairro/ Grupo da escola/Outro grupo:

\_\_\_\_\_

Sentir-se inferiorizada:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo:

\_\_\_\_\_

Objetivos futuros:

Terminar ensino obrigatório:

\_\_\_\_\_

Universidade:

\_\_\_\_\_

Emprego:

\_\_\_\_\_

### **Parte III – Relações Interpessoais**

**Família/significativos:**

Pais:

Descrição da relação:

Mãe:

\_\_\_\_\_

Pai:

\_\_\_\_\_

Irmãos:

Idades:

---

Tipo de Relação:

---

Pais e irmãos:

Existem conflitos na família?

---

Motivo:

---

Ausência pais:

Qual o motivo?

---

O que sente acerca disso?

---

Morte de familiar:

Quem?

---

Circunstâncias:

---

Consequências:

---

Novo agregado:

Pai/Mãe com novo agregado?

---

Outro:

---

Como se adaptou?

---

Violência doméstica:

Assumida /Negada

Vitimização:

---

Pais separados?

Motivo:

---

Quem está mais presente?

---

Motivo:

---

Problemas conjugais?

Como brigam?

---

Sentimentos envolvidos?

---

Quem sofre mais?

---

**Relação com Família:**

Afeto/ Investimento:

Sentimento de segurança:

---

Quem?

---

Conflito:

Motivo:

---

Fuga de casa?

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo:

---

Mentir aos cuidadores?

Motivo:

---

Consequências:

---

Educação:

Bater/Castigar?

---

Quem?

---

Retirar privilégios:

---

Consequências:

---

Abandono/ Negligência:

Sentimento associado:

---

Motivo:

---

Como reagiu?

---

Maus-Tratos:

Reportado:

---

Tipo de maltrato:

---

Agressão/ameaça aos pais:

Reativa:

---

Troca de papéis:

---

Dinâmica de violência:

---

Autonomia:

Em que idade?

---

Descrição:

---

Distanciamento:

Quem?

---

Porquê?

---

Pouca afetividade:

Quem?

---

Descrição:

---

Motivo:

---

Educação permissiva:

Quem?

---

Descrição:

---

**Relação com Pares:**

Amigos de Infância:

---

Praticam delitos?

---

Amigos:

Idade dos amigos/as: \_\_\_\_\_

Sentimento associado:

---

Iniciação nas Drogas:

---

Tráfico?

---

Amigos mais velhos:

---

Os mais velhos chamam-na?

---

Sente-se integrada?

---

Emoções positivas?

---

Más Companhias:

---

Iniciar-se:

---

Mudar grupo/amigos:

---

Mudança de residência?

---

Poucos amigos/ Isolado:

---

Não se junta a ninguém?

---

Os pais não deixam sair?

---

Não é aceite?

---

Procurar sensações fortes:

---

Procura de adrenalina:

---

Outro:

---

Sentir-se compreendida:

---

Prefere estar com os amigos?

---

Conhecer um Gângster:

---

Admiração?

---

Outro:

---

Lutas entre Grupos:

Vítima:

---

Desejo de ter proteção:

---

Desejo de aceitação:

---

Entrar num Grupo/Gangue:

---

Associado ao tráfico:

---

Associado a grupo organizado:

---

Sentir-se bem / aceite:

---

Maior autoestima?

---

Exclusão:

---

Subcultura:

---

**Relações amorosas:**

1ª relação amorosa:

Idade: \_\_\_\_\_

Idade da/o namorada/o: \_\_\_\_\_

Sentimento associado: \_\_\_\_\_

Rutura:

Idade: \_\_\_\_\_

Sentimento associado: \_\_\_\_\_

Discussões c/ namorada/o:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo:

---

Sentimento associado:

---

Nova relação:

Idade: \_\_\_\_\_

Sentimento associado: \_\_\_\_\_

Gravidez:

Idade: \_\_\_\_\_

Sentimento associado:

---

#### **Parte IV – Trajetória Desviante**

##### **Família/significativos:**

Familiares com comportamento criminal?

Quem?

---

O que?

---

Significado que atribui:

---

Familiar na prisão:

Quem?

---

Motivo :

---

Toxicodependência:

Quem?

---

O que aconteceu?

---

**Drogas e/ou álcool:**

Família:

Drogas:

Quem?

---

Consequências?

---

Atribuição de significado:

---

Álcool:

Quem?

---

Consequências?

---

Atribuição de significado:

---

Jovem:

Tabaco :

Idade de início: \_\_\_\_\_

Evento associado:

---

O que mudou?

---

Haxixe :

Início:

Idade: \_\_\_\_\_

Evento associado:

---

Tipo de emoções?

---

Ocasional:

Idade: \_\_\_\_\_

Quantidade: \_\_\_\_\_

Evento associado:

---

Regular:

Em grupo?

---

Avaliação do comportamento:

---

O que mudou?

---

Deixar o haxixe:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo :

---

O que mudou?

---

Álcool:

Início:

Idade: \_\_\_\_\_

Evento associado:

---

Tipo de emoções?

---

Regular:

Em grupo?

---

Avaliação do comportamento:

---

O que mudou?

---

Ocasional:

Idade: \_\_\_\_\_

Quantidade: \_\_\_\_\_

Motivo:

---

Deixar o álcool:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo :

---

O que mudou?

---

Drogas pesadas:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo:

---

Atribuição de significado:

---

Consumo por diversão:

Idade: \_\_\_\_\_

Evento associado:

---

Tipo de emoções?

---

Consumo para esquecer /aliviar:

Idade: \_\_\_\_\_

Evento associado:

---

Tipo de emoções?

---

**Delitos :**

Início:

Idade: \_\_\_\_\_

Acontecimento?

---

Atribuição de significado:

---

Ameaça e coação:

Idade: \_\_\_\_\_

Onde?

---

A quem?

---

Porquê?

---

Consequências?

---

Difamação, injúria, calúnia:

A quem?

---

Motivo:

---

Furto:

Idade: \_\_\_\_\_

Ocasião?

---

Onde? Via pública?

---

Furto de uso de automóvel:

Idade: \_\_\_\_\_

Danos:

---

Para conduzir?

---

Violação de domicílio:

Idade: \_\_\_\_\_

Premeditado?

---

Roubar:

Roubar telemóveis:

Idade: \_\_\_\_\_

Local público ou na escola?

\_\_\_\_\_

Roubo por esticção:

Idade: \_\_\_\_\_

Tipo de vítimas?

\_\_\_\_\_

Roubar fios de ouro:

Idade: \_\_\_\_\_

Na via?

\_\_\_\_\_

Premeditado?

\_\_\_\_\_

Roubo com arma:

Idade: \_\_\_\_\_

Associação a grupo:

\_\_\_\_\_

Aquisição?

\_\_\_\_\_

Ofensa à integridade física:

Idade: \_\_\_\_\_

Estranhos, na escola, conhecidos ou família?

\_\_\_\_\_

Motivo?

\_\_\_\_\_

Andar com faca:

Idade: \_\_\_\_\_

Lutas entre gangs:

\_\_\_\_\_

Trafico?

\_\_\_\_\_

Sequestro:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo:

\_\_\_\_\_

Carjacking:

Idade: \_\_\_\_\_

Associação a grupo?

\_\_\_\_\_

Tráfico:

Idade: \_\_\_\_\_

Onde?

\_\_\_\_\_

O que?

\_\_\_\_\_

Lutas entre Grupos:

Idade: \_\_\_\_\_

Rivalidade territorial:

\_\_\_\_\_

Ficar conhecida na rua:

Idade: \_\_\_\_\_

Motivo:

---

Delito sozinha :

Idade: \_\_\_\_\_

Diminuição da gravidade?

---

Trafico?

---

Outros?

---

Planeava tudo?

Idade: \_\_\_\_\_

Duração:

Poucas vezes por mês:

Idade: \_\_\_\_\_

Quase todos os dias:

Idade: \_\_\_\_\_

Delito em grupo:

Idade: \_\_\_\_\_

Grupo mais velho ou grupo da mesma idade?

---

Aumento da gravidade?

---

Roubar por vício?

Idade: \_\_\_\_\_

Querer desistir dos delitos?

Idade: \_\_\_\_\_

Acontecimento?

\_\_\_\_\_

Atribuição de significado:

\_\_\_\_\_

**Reação aos delitos:**

Castigos:

Quem?

\_\_\_\_\_

Tipo de castigos:

\_\_\_\_\_

Motivo:

\_\_\_\_\_

Avisos de amigos:

O que disseram?

\_\_\_\_\_

Imagem positiva no grupo:

Saiu mais reforçado no grupo de pares?

\_\_\_\_\_

Conflito em casa?

Quem na família se opõe?

\_\_\_\_\_

Quem aceita?

\_\_\_\_\_

Maior controlo das saídas?

Os cuidadores controlam mais?

\_\_\_\_\_

Mudança de habitação?

Motivo:

\_\_\_\_\_

Como reagiu?

---

Fugiu de casa?

Motivo:

---

Sentimentos de culpa?

Sentimento de culpa de alguém na família?

---

Sentimentos de culpa em relação à família?

---

O que fez?

---

Parou os delitos?

Motivo:

---

## **Anexo 2. Entrevista mãe**

### **Entrevista semiestruturada:**

História da relação com o pai/mãe da filha (Com que idade se conheceram; como se conheceram; como é a relação atualmente):

---

Família (Número de filhos; pessoas que vivem no mesmo agregado familiar; algum apresenta uma trajetória desviante além da jovem; se sim, qual a tipologia de crimes e/ou desvios)

---

Relação com a Jovem:

Como foi quando a jovem nasceu (planeada ou surpresa; que idade tinham; que cuidados tinham durante a gravidez; como foram os primeiros anos de vida da jovem):

---

Como era a relação com a jovem quando esta era criança (quanto tempo passavam juntos; brincadeiras que tinham; ajudavam com tarefas escolares):

---

Como é que a relação se foi desenvolvendo ao longo do tempo (interesses em comum; como é a comunicação com a jovem; de quem é que a jovem é mais próxima):

---

Como caracteriza a jovem (Qualidades, defeitos, interesses, desejos; desde que era criança até agora):

---

Família:

Como é a relação entre os irmãos e da jovem com os irmãos:

---

Parentalidade:

Quem implementa as regras:

---

Como é que comunicam regras aos filhos:

---

Existe negociação com a filha:

---

Quais as regras inegociáveis:

---

Quando a filha desobedecia alguma ordem ou regra, como é que atuavam:

---

Qual a participação no percurso académico da jovem (ajudavam na realização de trabalhos de casa; incentivavam a leitura; comportamento perante insucesso escolar ou desistência;):

---

Que expectativas tem quanto ao futuro académico/profissional (na Casa de Acolhimento e posteriormente):

---

Trajétórias desviantes:

Problemas com a lei (se sim, quais?):

---

Consumo de substâncias psicoativas e abuso de substâncias:

---

Existem membros da família que tenham problemas com a lei e com consumo de substâncias (se sim, qual a tipologia de crimes e/ou desvios; se sim, quais substâncias e descrição do consumo):

---

Durante a infância da jovem era regular ela presenciar atos criminais, abuso de substâncias, consumo de álcool (Se sim, quais crimes; com que frequência; em que contexto):

---

Algum dos pais já esteve encarcerado (Se sim, qual a idade da jovem; como era a relação com a jovem nessa altura; como é que a situação foi explicada à jovem; como lidaram com a situação, tinham visitas, chamadas):

---

Quando/como (de que forma) é que se começou a aperceber que a sua filha tinha problemas de comportamento (Agressividade; oposição; comportamento confrontativo; desobediência; pequenos delitos; consumo e tráfico de substâncias; convívio com grupo de pares problemático, etc)? Nesse aspeto, ela mostrou-se diferente dos outros irmãos?

---

Na sua opinião o que é que pode ajudar a compreender/explicar os problemas de comportamento da sua filha (a que se devem esses problemas):

---

Qual a sua reação e a reação dos restantes membros da família quando perceberam que a jovem tinha comportamentos problemáticos, que tentativas foram feitas por si/pela família para a ajudar a resolver esses problemas (conversaram com ela; castigos; maior supervisão, existiu alguma conversa sobre criminalidade):

---

Sente que essas tentativas foram bem-sucedidas? (Se não, quais os motivos pelos quais essas tentativas não terão sido bem-sucedidas?)

---

Alguma vez se envolveram em alguma prática socialmente menos aceitável juntos (Consumo de substâncias psicoativas e/ou abuso de substâncias; pequenos delitos; outros):

---

Alguma vez outro membro da família se envolveu em alguma prática socialmente menos aceitável em conjunto com a jovem (Consumo de substâncias psicoativas e/ou abuso de substâncias; pequenos delitos; outros):

---

Casa de Acolhimento:

Como se procedeu a ida da jovem para uma Casa de Acolhimento? (motivos, idade da jovem):

---

Como está a vossa relação agora que ela está na Casa de Acolhimento (Visita com regularidade; estão envolvidos no desenvolvimento da jovem, na promoção do seu bem-estar; a relação deteriorou, melhorou, ou continua igual):

---

### **Anexo 3. Entrevista Técnica e Psicóloga**

#### **Entrevista semiestruturada**

Código de identificação Psicóloga: \_\_\_\_\_

Código de identificação Técnica: \_\_\_\_\_

Casa de acolhimento:

Enquadramento institucional da relação com a jovem:

---

Duração da relação profissional:

---

Evolução da trajetória da jovem em casas de acolhimento (idade com que foi para a primeira casa de acolhimento; idade com que foi para casa de acolhimento atual; há quanto tempo esta na casa de acolhimento atual; quantas casas de acolhimento já passou):

---

Motivos da retirada da jovem aos pais e ida para casa de acolhimento:

---

Razões pelas quais não foi possível o acolhimento da jovem por parte da irmã ou de outro familiar próximo:

---

Opinião do/a técnico(a) e psicólogo(a) sobre jovem:

Como caracterizam a jovem (Qualidades, defeitos, interesses, desejos):

---

Quais os comportamentos desviantes que identificam na trajetória da jovem:

---

Que causas aponta para o início da trajetória desviante:

---

Quais os fatores de risco/protetores e/ou de prognóstico positivo/negativo do curso da trajetória desviante?

---

Existem membros da família da jovem que tenham problemas com a lei e com consumo de substâncias (se sim, qual a tipologia de crimes e/ou desvios; se sim, quais substâncias e descrição do consumo):

---

Opinião do/a técnico(a) e psicólogo(a) sobre os pais da jovem:

Como caracterizam os pais da jovem:

---

Como é a relação da jovem com os pais:

---

Como é a comunicação entre pais e filha:

---

Com que regularidade os pais contactam com a filha (chamadas, visitas):

---

Qual o envolvimento dos pais na promoção da educação, do bem-estar e do desenvolvimento da filha:

---

De que forma é que o envolvimento dos pais (ou falta dele) afetam a jovem a nível emocional, comportamental e psicológico nas várias áreas da vida da mesma (e ao longo da vida):

---

## Anexo 4. Grelha gráfica do Biograma

Grelha gráfica do Biograma

(adaptado de Garrido, 2012)

IDADE	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	
Família																						
Relação com os pais																						
Relação com pares																						
Drogas e/ou álcool																						
Meio/NSE																						
Escola																						
Delitos																						
Relações amorosas																						
Tempos livres																						
Reação ao delito																						
IDADE	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	

## **Anexo 5. Consentimento Informado Jovem**

O presente estudo está a ser desenvolvido no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob a orientação da Professora Doutora Inês Nascimento.

Este estudo tem como objetivo compreender os fatores que influenciam a trajetória desviante de uma adolescente. A recolha de dados prevê-se que tenha uma duração de três meses, ao longo dos quais serão agendados, pelo menos, cinco momentos de entrevista contigo, versando diferentes temas, a partir dos quais será construída uma representação gráfica ilustrativa da tua história de vida. Os momentos de entrevista serão realizados na Casa de Acolhimento, em horários pré-estabelecidos entre nós, sendo a duração prevista de cada momento de, pelo menos, 1h30.

Além disso será agendado um único momento de entrevista separadamente com cada um dos teus progenitores. Será, também, consultado(a) e entrevistado/a o/a técnico(a) e/ou psicólogo(a) responsável pelo teu caso na Casa de Acolhimento.

A presente investigação vai permitir ampliar o conhecimento científico sobre o fenómeno da delinquência juvenil feminina, mais precisamente sobre os fatores que influenciam o desenvolvimento da trajetória desviante de jovens raparigas.

Para os participantes, a colaboração no presente estudo pode ser benéfica para o desenvolvimento pessoal de cada um dos elementos, assim como pode fortalecer as relações que mantêm uns com os outros, podendo incentivar um processo de reflexão e mudança. O presente estudo pode fornecer dados importantes a utilizar, posteriormente, no teu processo de reabilitação. Contudo, importa referir, que da participação no estudo podem surgir efeitos negativos (como o desconforto da recordação de acontecimentos passados associados a algum grau de mal-estar pessoal) ou não existirem consequências, nem positivas, nem negativas.

A recolha de dados requer a gravação áudio da entrevista para posterior transcrição, integral ou parcial, em formato de texto, para uso exclusivo no âmbito da investigação em curso e/ou para fins de divulgação científica em congressos ou publicações especializadas. Em qualquer um desses usos, o anonimato e confidencialidade estarão garantidos, nomeadamente, não serão divulgados dados identificativos, como o nome dos participantes, contactos, informações que possam permitir, de forma indireta, o seu reconhecimento, entre outros. Acrescenta-se que a participação é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejares, sem qualquer tipo de penalização.

Agradeço desde já a atenção, a disponibilidade e a vontade de participar nesta investigação, reconhecendo a importância do teu envolvimento para que este estudo seja possível.

Assim, após a leitura da informação acima descrita, asseguras que compreendeste a explicação que te foi dada acerca do estudo que se tenciona realizar, nomeadamente os objetivos, os métodos, os modos e tempos de colaboração, os benefícios previstos e os potenciais riscos e/ou malefícios. Asseguras que solicitaste todas as informações que necessitaste, sabendo que o esclarecimento é fundamental para a decisão de participação.

Assinatura:

---

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Um profundo agradecimento pela sua participação e disponibilidade.

Rute Inês Marques Lima

Estudante do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia

## **Anexo 6. Consentimento Informado Mãe**

O presente estudo está a ser desenvolvido no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob a orientação da Professora Doutora Inês Nascimento.

Este estudo tem como objetivo compreender os fatores que influenciam a trajetória desviante de uma adolescente. A recolha de dados prevê-se que tenha uma duração de 2 meses, ao longo dos quais serão agendados, pelo menos, cinco momentos de entrevista com a jovem, versando diferentes temas, a partir dos quais será construída uma representação gráfica ilustrativa da história de vida da jovem. Além disso será agendado um único momento de entrevista separadamente com cada um dos progenitores da jovem, com uma duração estimada de 1h30/cada, a realizar num lugar conveniente e confortável para os mesmos. Bem como um momento de entrevista com a irmã mais velha da jovem. Será, também, consultado(a) e entrevistado/a o/a técnico(a) e/ou psicólogo(a) responsável pelo caso da jovem na Casa de Acolhimento.

Os critérios de seleção para a escolha dos participantes foram os seguintes: jovem rapariga (com idade entre 15 e 18 anos; pelo menos um dos progenitores ter um passado ou presente criminoso); pais da jovem (em liberdade; a residir em Portugal); técnico(a) e/ou psicólogo (a) responsável pelo caso da jovem na Casa de Acolhimento (mostrar-se disponível para participar no estudo).

A presente investigação vai permitir ampliar o conhecimento científico sobre o fenómeno da delinquência juvenil feminina, mais precisamente sobre os fatores que influenciam o desenvolvimento da trajetória desviante de jovens raparigas.

Para os participantes, a colaboração no presente estudo pode ser benéfica para o desenvolvimento pessoal de cada um dos elementos, assim como pode fortalecer as relações que mantêm uns com os outros, podendo incentivar um processo de reflexão e mudança. O presente estudo pode fornecer dados importantes a utilizar, posteriormente, no processo de reabilitação da jovem. Contudo, importa referir, que da participação no estudo podem surgir efeitos negativos (como o desconforto da recordação de acontecimentos passados associados a algum grau de mal-estar pessoal) ou não existirem consequências, nem positivas, nem negativas.

A recolha de dados requer a gravação áudio da entrevista para posterior transcrição, integral ou parcial, em formato de texto, para uso exclusivo no âmbito da investigação em curso e/ou para fins de divulgação científica em congressos ou publicações especializadas. Em qualquer um desses usos, o anonimato e confidencialidade estarão garantidos, nomeadamente, não serão divulgados dados identificativos, como o nome dos participantes, contactos, informações que possam

permitir, de forma indirecta, o seu reconhecimento, entre outros. Acrescenta-se que a participação é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejar, sem qualquer tipo de penalização.

Agradeço desde já a atenção, a disponibilidade e a vontade de participar nesta investigação, reconhecendo a importância do seu envolvimento para que este estudo seja possível.

Assim, após a leitura da informação acima descrita, assegura que compreendeu a explicação que lhe foi dada acerca do estudo que se tenciona realizar, nomeadamente os objetivos, os métodos, os modos e tempos de colaboração, os benefícios previstos e os potenciais riscos e/ou malefícios. Assegura, ainda, que solicitou todas as informações que necessitou, sabendo que o esclarecimento é fundamental para a decisão de participação. Uma vez que a jovem participante tem menos de 18 anos idade, ao assinar este consentimento autoriza, igualmente, enquanto pai/mãe, a participação da menor, sua filha, no presente estudo.

Assinatura:

---

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Um profundo agradecimento pela sua participação e disponibilidade.

Rute Inês Marques Lima

Estudante do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia

## **Anexo 7. Consentimento Informado Técnica e Psicóloga**

O presente estudo está a ser desenvolvido no âmbito da minha dissertação de Mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante e da Justiça, na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), sob a orientação da Professora Doutora Inês Nascimento.

Este estudo tem como objetivo compreender os fatores que influenciam a trajetória desviante de uma adolescente. A recolha de dados prevê-se que tenha uma duração de três meses, ao longo dos quais serão agendados, pelo menos, cinco momentos de entrevista com a jovem, versando diferentes temas, a partir dos quais será construída uma representação gráfica ilustrativa da história de vida da jovem. Além disso será agendado um único momento de entrevista separadamente com cada um dos progenitores da jovem. Bem com um momento de entrevista com a irmã mais velha da jovem. Adicionalmente, pretende-se realizar um único momento de entrevista com o/a técnico(a) e/ou psicólogo(a) responsável pelo caso da jovem na Casa de Acolhimento. A entrevista será realizada num local à sua conveniência e num horário que esteja em conformidade com a sua disponibilidade.

Os critérios de seleção para a escolha dos participantes foram os seguintes: jovem rapariga (com idade entre 15 e 18 anos; pelo menos um dos progenitores ter um passado ou presente criminoso); pais da jovem (em liberdade; a residir em Portugal); técnico(a) ou psicólogo (a) responsável pelo caso da jovem na Casa de Acolhimento (mostrar-se disponível para participar no estudo).

A presente investigação vai permitir ampliar o conhecimento científico sobre o fenómeno da delinquência juvenil feminina, mais precisamente sobre os fatores que influenciam o desenvolvimento da trajetória desviante de jovens raparigas.

Para os participantes, a colaboração no presente estudo pode ser benéfica para o desenvolvimento pessoal de cada um dos elementos, assim como pode fortalecer as relações que mantêm uns com os outros, podendo incentivar um processo de reflexão e mudança. O presente estudo pode fornecer dados importantes a utilizar, posteriormente, no processo de reabilitação da jovem. Contudo, importa referir, que da participação no estudo podem surgir efeitos negativos (como o desconforto da recordação de acontecimentos passados associados a algum grau de mal-estar pessoal) ou não existirem consequências, nem positivas, nem negativas.

A recolha de dados requer a gravação áudio da entrevista para posterior transcrição, integral ou parcial, em formato de texto, para uso exclusivo no âmbito da investigação em curso e/ou para fins de divulgação científica em congressos ou publicações especializadas. Em qualquer um

desses usos, o anonimato e confidencialidade estarão garantidos, nomeadamente, não serão divulgados dados identificativos, como o nome dos participantes, contactos, informações que possam permitir, de forma indireta, o seu reconhecimento, entre outros. Acrescenta-se que a participação é voluntária, podendo ser interrompida a qualquer momento, se assim o desejar, sem qualquer tipo de penalização.

Agradeço desde já a atenção, a disponibilidade e a vontade de participar nesta investigação, reconhecendo a importância do seu envolvimento para que este estudo seja possível.

Assim, após a leitura da informação acima descrita, assegura que compreendeu a explicação que lhe foi dada acerca do estudo que se tenciona realizar, nomeadamente os objetivos, os métodos, os modos e tempos de colaboração, os benefícios previstos e os potenciais riscos e/ou malefícios. Solicitou todas as informações que necessitou, sabendo que o esclarecimento é fundamental para a decisão de participação.

Assinatura:

---

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Um profundo agradecimento pela sua participação e disponibilidade.

Rute Inês Marques Lima

Estudante do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia